



Espaço do
Conhecimento
UFMG

EXPOSIÇÃO METROPOLITRAMAS

EXPOSIÇÃO
METROPOLITRAMAS



METRO
POLIS
TRAMS

O Ministério da Cultura, o Governo de Minas Gerais, a Prefeitura de Belo Horizonte, o Instituto Unimed-BH, a Cemig, a Fundação IPEAD e o Espaço do Conhecimento UFMG apresentam:

**EXPOSIÇÃO
METROPOLITRAMAS**

Espaço do Conhecimento UFMG
Belo Horizonte
2024 | 2025

Organização

Patrícia Azevedo
Dânia Lima
Marina Aravani

**Editoração, projeto gráfico
e diagramação**

Olganelise Möller

Revisão Ortográfica

Trindade Monografias & Edições

Impressão

Gráfica Formato

**Crédito das fotografias
do catálogo**

Equipe do Espaço do Conhecimento UFMG



MetropoliTRAMAS: uma celebração e um convite

Sandra Regina Goulart Almeida
Reitora da UFMG

Ao comemorarmos os 50 anos da criação da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), somos chamados a refletir sobre as múltiplas tramas que dão forma e vida a este território diverso e dinâmico. São 34 municípios interligados por redes de infraestrutura, cultura, serviços e afetos que, diariamente, sustentam os deslocamentos, os encontros e as vivências de cerca de 5 milhões de pessoas.

A exposição MetropoliTRAMAS, promovida pelo Espaço do Conhecimento UFMG, é uma oportunidade de enxergar além do aparente. Aqui, destacamos iniciativas fundamentais como o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI-RMBH), os Lumes (Lugares de Urbanidade Metropolitana) – e a Trama Verde e Azul, que evidenciam o potencial de um planejamento comprometido com a sustentabilidade, a participação cidadã e a valorização dos territórios e das culturas locais.

MetropoliTRAMAS nos convida a percorrer caminhos que cruzam memória, planejamento e imaginação. Através de mapas, imagens e relatos, o visitante é chamado a descobrir as complexidades e possibilidades da RMBH, revisitando suas conquistas e projetando futuros mais justos e inclusivos. Que esta exposição seja inspiração para transformarmos, juntos, a experiência de viver e pertencer a este espaço.

MetropoliTRAMAS: cultura, ciência e pertencimento

Fernando Mencarelli
Pró-Reitor de Cultura da UFMG

A exposição MetropoliTRAMAS, realizada pelo Espaço do Conhecimento UFMG, simboliza a força transformadora da união entre cultura e ciência. Ao refletir sobre os 50 anos da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), a exposição transcende as fronteiras do conhecimento acadêmico, conectando-o com a experiência cotidiana dos cidadãos metropolitanos.

Este projeto reafirma o compromisso da Universidade Federal de Minas Gerais com a produção e a difusão de saberes voltados para a coletividade. A partir de mapas, imagens, vídeos e relatos, MetropoliTRAMAS ilumina as múltiplas conexões que constituem a RMBH, aproximando públicos diversos de questões essenciais como sustentabilidade, mobilidade e preservação ambiental, além de resgatar memórias que dão sentido ao nosso presente.

Mais do que uma celebração, esta exposição é uma plataforma de diálogo e reflexão. Ela reforça a relevância da universidade como espaço de articulação entre conhecimento científico, expressões culturais e as demandas da sociedade. Para Belo Horizonte e sua região metropolitana, a exposição é uma oportunidade de reconhecer e valorizar as tramas que nos unem, promovendo pertencimento e inspirando novas formas de habitar, planejar e cuidar do nosso território.

Um museu por entre as TRAMAS metropolitanas

Sibelle Diniz

Diretora do Espaço do Conhecimento UFMG

Camila Mantovani

Diretora adjunta

e Coordenadora do Núcleo de Comunicação e Design
e dos projetos de acessibilidade do Espaço do Conhecimento UFMG

A exposição que inauguramos em 05 de dezembro de 2023 surgiu de um sonho: o sonho de ver retratada, no Espaço do Conhecimento UFMG, a metrópole belorizontina, em suas riquezas e diversidades, suas contradições e seus desafios. Das mais de 800 mil pessoas que já visitaram o Espaço do Conhecimento desde sua inauguração, em 2010, a maioria reside em Belo Horizonte e nos demais 33 municípios que compõem sua região metropolitana. Boa parte desse público vem de escolas, em sua maioria públicas, localizadas nas periferias da capital e da metrópole. O desafio era conceber uma exposição com a qual esse público se reconhecesse e que, a partir desse encontro, fizesse surgir novas formas de viver e de sonhar esse território compartilhado.

Para isso, convidamos cinco colegas da UFMG que se dedicaram, nas últimas décadas, aos estudos sobre o planejamento urbano e metropolitano, articulando a extensão, a pesquisa e o ensino. As professoras e os professores Geraldo Costa, Heloísa Costa, Júnia Ferrari, Jupira Mendonça e Roberto Monte-Mor aceitaram prontamente o desafio da curadoria. Desde então, foram inúmeros encontros, mensagens, e-mails, dúvidas e discussões. Ao longo do processo, ficaram evidentes as dificuldades de representar a região e a questão metropolitana, em toda sua complexidade, em uma exposição voltada a um público não acadêmico, amplo e diverso. Das muitas conversas, surgiu o recorte curatorial: a metrópole seria apresentada a partir de algumas das tramas que a conformam – as MetropoliTRAMAS.

Compor esse emaranhado só foi possível a partir de uma constelação de mentes e mãos. Por isso, não é curta a nossa lista de agradecimentos.

Inicialmente, agradecemos à reitora da UFMG, professora Sandra Regina Goulart de Almeida, ao pró-reitor de cultura, professor Fernando Mencarelli, e à pró-reitora adjunta de cultura, professora Mônica Medeiros. A vocês, agradecemos por acreditarem no potencial do Espaço do Conhecimento em divulgar a produção acadêmica da UFMG e, muito mais que isso, em ser lugar de produção de saberes a partir dos encontros e dos diálogos ali realizados.

Ainda no âmbito da UFMG, são muitos os profissionais e os órgãos que possibilitam o trabalho diário no Espaço do Conhecimento. Além da Pró-Reitoria de Cultura, ressaltamos a Pró-Reitoria de Administração, a Pró-Reitoria de Extensão, o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, a Fundação Rodrigo Melo Franco de Andrade e a Fundep.

A realização desta exposição e das demais atividades do Espaço do Conhecimento só é possível a partir de nossos patrocinadores, com os quais partilhamos valores de respeito aos saberes e à diversidade: o Instituto Unimed BH, parceiro do espaço desde 2017, a Cemig, patrocinadora desde 2021, e a Fundação Ipead, que se uniu à força-tarefa em 2023. Agradecemos ainda ao governo estadual, Circuito Liberdade e à prefeitura de Belo Horizonte.

Realizar uma exposição como a MetropoliTRAMAS revelou-se um trabalho tão complexo quanto prazeroso. Para isso, contamos com diversos profissionais envolvidos em pesquisa, montagem, impressão, plotagem, escrita e revisão de textos. Agradecemos também àqueles que nos cederam fotografias, depoimentos e conteúdos audiovisuais. Esta exposição não existiria sem cada um(a) de vocês.

Por fim, ressaltamos o intenso trabalho realizado por nossa equipe do Espaço do Conhecimento UFMG. Nos meses de produção, vivenciamos processos de apropriação subjetiva decorrentes do movimento criativo, que tornou possível a materialização de ideias e conceitos em espaços, imagens e interações. Como toda obra, nem tudo segue como se espera ou como se gostaria. Mas, acima das dificuldades diárias, ficou evidente, mais uma vez, nossa capacidade de construção coletiva. Por isso, nosso agradecimento mais especial vai para os profissionais de: ações educativas e acessibilidade, apoio administrativo, astronomia, audiovisual, comunicação, design, exografia, limpeza, portaria, produção, projetos, recepção, secretaria e segurança. Obrigada por alimentarem diariamente a nossa crença nos sonhos e nas utopias coletivas.

Ao fim, é disso que MetropoliTRAMAS trata: do sonho. Aprendemos com os curadores que planejar é sonhar, reconhecendo os conflitos, os limites, as dores, as tensões, as imensas desigualdades, mas sem desacreditar na capacidade coletiva de viver e de sonhar a cidade de outras maneiras, mais solidárias e respeitosas com seus muitos seres humanos e não humanos.

Que esta exposição seja semente de novas tramas, utópicas, rebeldes e concretas.

TRAMAS

em parcerias: sonhos coletivos e território vivos

Instituto Unimed - BH

O Instituto Unimed-BH e o Espaço do Conhecimento, em uma parceria que completa 7 anos, compartilham o propósito de promover conhecimento, tendo também como foco a inovação e a inclusão social. É com muita alegria que patrocinamos, por meio dos 5,6 mil médicos cooperados e colaboradores, via Lei de Incentivo Federal, este Espaço, centro difusor de arte e ciência, que já recebeu mais de 800 mil pessoas desde sua inauguração.

É disso que se trata a exposição MetropoliTRAMAS: sonhos coletivos e territórios vivos, com 9 instalações que apresentam faces da cidade e do entorno por meio de uma experiência multifacetada. O trabalho, idealizado como ação comemorativa dos 50 anos da Região Metropolitana de Belo Horizonte, expõe a complexidade em sua diversidade, com suas relações de afeto e solidariedade. Um rico retrato de uma parte importante da área de atuação da Unimed-BH e do Instituto Unimed-BH.

Experiências que promovem acesso, aprendizado, interação, movimentação, mudança, valorização dos espaços da cidade e fomento a iniciativas educativas para crianças, adolescentes e jovens, em sua maioria de escolas públicas, localizadas nas comunidades do nosso entorno. Propósito esse que nos une ao Espaço do Conhecimento.

Fotografias das instalações da Exposição MetropoliTRAMAS	20	149	Para o público
TRAMAS da MetrÓpole	37	157	Textos de autoria do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade publicados no Blog do Espaço
TRAMAS do projeto expográfico	47	158	Para o público
Design em TRAMAS: marca e identidade visual	57	162	Saiba mais sobre o planejamento metropolitano a partir dos curadores
TRAMAS educativas: da concepção à ação, território de experiências	73	165	O processo de planejamento metropolitano na RMBH
TRAMAS planetárias: explorando o Sistema Solar a partir de pontos de referência na região metropolitana de BH	83	168	Macrozoneamento para a RMBH: notas sobre metodologia e resultados
TRAMAS audiovisuais	93	170	Processo participativo no Plano Metropolitano e no Macrozoneamento
TRAMAS em reverberação	101	175	O Projeto dos LUMEs como ferramenta de integração e transformação
O público	113		O conteúdo ambiental do planejamento metropolitano e a Trama Verde e Azul
			Ficha Técnica da Exposição MetropoliTRAMAS













TRAMAS EDUCATIVAS

O que você acha importante?

Nas tramas de metáfora,
cada vez mais vemos como
sempre por dentro, até, às vezes, com
um entendimento de memória.

Assim,
trabalhamos com a ideia
de uma linha,
que pode ser usada como a linha.

Tudo pode ser usado,
até mesmo os objetos
que a fundam.

Que você possa se inspirar
nas ideias e assim criar
o seu próprio
Trama Educativa.



2003



200



Criação do Programa PEDALA BH
O Programa Pedala BH é criado pela FPM para incentivar o uso das bicicletas por meio da criação de rotas, sistema de bicicletas compartilhadas e eventos de ciclismo.

2005



2007

1ª CONFERÊNCIA METROPOLITANA
Realizada a 1ª Conferência Metropolitana de Belo Horizonte, organizada pelo Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte (CDRM).
Realizada em 2007, a conferência reuniu representantes de todos os municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte para discutir e definir estratégias de desenvolvimento regional.

Terceira CONFERÊNCIA DA SERRA DA SERRA
Com uma das maiores audiências de todos os tempos...

2008

Criação da FEIRA RAÍZES DO CAMPO, em Jaboticatubas
A Feira Raízes do Campo é um espaço de comercialização dos produtos da agricultura familiar de Jaboticatubas. Atende a comunidade local, com programação cultural variada, oficinas e todos os dias de comércio.

CAPOEIRA como patrimônio
O IPHAN registra o Rito de Capoeira e o Ofício de Mestre do Capoeira como patrimônio cultural brasileiro.

Conclusão da LINHA VERDE
Projeto do governo estadual, a Linha Verde foi um conjunto de obras viárias que pretendia ligar o centro de Belo Horizonte ao Aeroporto Internacional Tancredo Neves, localizado no município de Curitiba. As intervenções se deram nas avenidas dos Andaraís, do Contorno, Cristiano Machado, e na rodovia MG-050.

2009
criação da AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA METROPOLITANA DE BELA VISTA
A Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte (ADRM) foi criada em 2009, tendo como objetivo promover o desenvolvimento econômico e social da Região Metropolitana de Belo Horizonte.



TRAMAS da Metrópole

Os curadores

Geraldo Magela Costa

Helôisa Soares de Moura Costa

Junia Maria Ferrari de Lima

Jupira Gomes de Mendonça

Roberto Luís de Melo Monte-Mór

com a participação de

Clarice Libânio e Caroline Rocha



A Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) é composta de 34 municípios, com uma população total de aproximadamente 5 milhões de habitantes. Para comportar essa população, que está sempre crescendo, há um espaço construído, formado de casas, prédios industriais e comerciais, bem como toda uma trama composta de rodovias, ruas, escolas, redes de água e de esgotos, postos de saúde, hospitais, centros culturais, parques e praças, etc. Trata-se de uma trama que dá suporte ao que é chamado de funções públicas. Dada a aproximação física e funcional entre as áreas urbanas dos municípios metropolitanos, alguns elementos dessa trama compõem as “funções públicas de interesse comum”. São elas que justificaram a criação da RMBH em 1973, junto com outras oito, em outras partes do país. Não há dúvidas quanto à utilidade social dessa trama. Atende às necessidades comuns aos cidadãos metropolitanos: deslocamentos diários, atendimento à saúde, acesso à educação, ao trabalho, aos pontos de cultura, ao lazer.

Apesar de necessários, esses espaços e tramas são muitas vezes construídos sem os cuidados necessários e em desobediência às leis que regulam a ocupação e o uso da terra. Tal desrespeito tem trazido prejuízos, quase sempre irreparáveis, à trama natural: águas, serras, matas, pequena produção agrícola. São inúmeros os cursos d’água e nascentes, montanhas e outros elementos da paisagem, que foram destruídos em decorrência das ações, muitas vezes ilegais, ligadas ao espaço construído. A exploração de riquezas naturais também tem contribuído para destruir, de forma irreversível, a natureza. Com isso, os cidadãos metropolitanos em seus deslocamentos cotidianos nem sempre conseguem ver ou perceber

os elementos da natureza e outros elementos, às vezes imateriais, que compõem a diversidade de aspectos culturais metropolitanos.

Esta exposição, que acontece quando a RMBH está completando 50 anos de criação, propõe-se a contribuir para desvendar as diversas tramas metropolitanas, por meio de mapas, imagens, vídeos, textos escritos e depoimentos. A RMBH foi objeto de vários planos, projetos e políticas públicas desde sua criação, há 50 anos, e especialmente nos últimos 15 anos, quando uma nova fase de planejamento metropolitano ocorreu. Na exposição Metropoli-TRAMAS, buscamos resgatar a memória dos acontecimentos e propostas para a RMBH, de forma a pensar alternativas para o futuro. Dentre as propostas mais recentes, destacamos:

PDDI-RMBH

Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte

O Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PDDI-RMBH, ou Plano Metropolitano), seu Macrozoneamento e a revisão de Planos Diretores de municípios metropolitanos foram elaborados pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), entre 2009 e 2019. Nesse processo, professores, pesquisadores e alunos de pós-graduação e graduação de várias unidades e departamentos da UFMG foram envolvidos

além da PUC Minas e da UEMG. Foi um verdadeiro momento de sonhar coletivamente a metrópole, pois o PDDI-RMBH tinha, como ponto de partida, envolver municípios, órgãos estaduais e federais, moradores e sociedade civil organizada (movimentos sociais, associações empresariais e populares) para construir propostas de políticas públicas e programas de gestão metropolitana.

Resgatar a experiência do Plano Metropolitano nesta exposição significa perseguir o que era o ponto central para a equipe à época: formar um processo de planejamento contínuo na RMBH. Pensar o território da RMBH, suas centralidades urbanas espalhadas, suas possíveis conexões e articulações físicas, suas possibilidades de espaços coletivos mais qualificados, tudo isso permanece reivindicando novas soluções. Alguns exemplos das políticas públicas podem ser revisitados, como é o caso dos Lumes – Lugares de Urbanidade Metropolitana –, da Trama Verde e Azul e do Macrozoneamento, para que o nosso “sonhar a metrópole” seja oxigenado, e novas ideias possam surgir.

LUMES

Lugares de Urbanidade Metropolitana

Uma das propostas do PDDI voltou-se para a democratização dos espaços públicos e para a participação dos moradores na construção das

idades e nas tomadas de decisões que lhes afetam diretamente. A fim de efetivar a participação social e construir um processo permanente de planejamento, foram propostos os Lumes, que significa Lugares de Urbanidade Metropolitana.

Um lugar metropolitano pode ser uma biblioteca, um centro cultural, uma associação, enfim, um espaço para o exercício da cidadania, da mobilização social e da participação, onde se possa ampliar o debate sobre o papel das decisões locais na escala metropolitana. Espera-se o envolvimento da população, de forma horizontal e continuada, para troca de informações e produção de dados locais, assim como processos voltados à difusão do conhecimento técnico produzido no PDDI.

Os Lumes têm sido palco de uma série de ações pelos alunos da UFMG, em disciplinas de extensão universitária em que os estudantes realizam atividades em parceria com atores locais: do apoio a uma feira de economia solidária até um mutirão de plantio de árvores, tudo vale a pena para mobilizar as pessoas em torno de uma causa metropolitana que as une.

Macrozoneamento Metropolitano

Após as definições do Plano Metropolitano, a equipe do PDDI-RMBH trabalhou na elaboração do Macrozoneamento Metropolitano (2013-2015),

processo construído em conjunto com a sociedade civil e fortalecendo os Lumes na articulação com os municípios, na organização da participação popular e numa ampla divulgação de informações técnicas – principalmente nas ações de mobilização para a Revisão dos Planos Diretores de 11 municípios da RMBH (2016-2018).

Organizar o território é uma questão-chave, e o Macrozoneamento é um dos instrumentos que nos permite enfrentar esse desafio. Ele busca identificar as melhores alternativas de uso e ocupação do solo, estabelecendo os parâmetros urbanísticos (ou diretrizes para a construção), e propondo regras específicas para as áreas de interesse comum na Região Metropolitana.

Para estabelecer um ordenamento territorial mais justo e sustentável, que melhore a qualidade de vida dos cidadãos, o Macrozoneamento foi definido a partir de duas categorias: Zonas de Interesse Metropolitano e Áreas de Interesse Metropolitano. As regras do zoneamento determinam o quanto e como se pode construir em cada uma dessas áreas, além de quais atividades são permitidas ou proibidas de se instalarem ali. Todas as áreas foram definidas com a colaboração da população, através da cartografia participativa realizada em oficinas públicas.

Assim, essas propostas colocam limites aos interesses individuais, visando o bem-estar coletivo. Os principais objetivos são: controlar o crescimento e o adensamento urbano, proteger áreas de interesse cultural e ambiental frágeis ou inadequadas à ocupação, estimular atividades coletivas e de inserção econômica da população e minimizar conflitos entre a utilização dos espaços e as atividades.

Trama Verde e Azul

Ao se discutir a reestruturação territorial metropolitana durante o processo do Macrozoneamento, iniciou-se a proposta de concepção de um elemento articulador do território da RMBH, tendo a questão ambiental como uma de suas bases fortes. Daí surgiu a Trama Verde e Azul, uma proposta inspirada em uma experiência francesa de planejamento territorial na antiga região minerária de Nord Pas-de-Calais, no norte da França.

A ideia de um planejamento para uma Trama Verde e Azul da RMBH foi fundamentada na noção de sustentabilidade em sentido amplo. Essa concepção teve por referência não somente as dimensões da vegetação e das águas, mas também o interesse de se articular as políticas de recursos hídricos e áreas verdes protegidas com questões culturais de mobilidade ativa, de espaços de cultura e lazer, e de recuperação de áreas degradadas.

A concepção da Trama tem, como temáticas orientadoras, as zonas de interesse e incentivo patrimonial, fluvial, ambiental e os eixos de mobilidade ativa, além dos espaços de produção da segurança alimentar e nutricional. Ela reforça espaços de centralidade, especialmente nas periferias metropolitanas, agregando também espaços de convívio na vida cotidiana, buscando promover a conectividade entre áreas ambientalmente importantes: cursos d'água, áreas verdes, agrícolas, espaços culturais, bem como experiências,

saberes e práticas dos moradores metropolitanos que contribuam para a manutenção, reinvenção e recuperação desses espaços.

MetropoliTRAMAS

o convite

Cotidianamente, milhares de pessoas partilham o espaço metropolitano para trabalhar, estudar, usufruir de lazer e serviços, criando e fortalecendo relações afetivas e de pertencimento. Muitos desses deslocamentos envolvem atravessar mais de um município sem que se perceba, com nitidez, quando os limites do território são ultrapassados. É o fenômeno da metropolização que nos coloca, diariamente, em conexão direta com diversos lugares e pessoas.

Em comemoração aos 50 anos da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), convidamos as cidadãs e os cidadãos metropolitanos para percorrer essa trama complexa e tomar lugar numa viagem que possa levá-los a conhecer um pouco mais da nossa metrópole, seja nos limites do Espaço do Conhecimento UFMG, seja nas itinerâncias que nossas memórias e afetos possam nos levar, com o ir e vir das pessoas, desenhando uma metrópole em tramas: MetropoliTRAMAS. Esperamos que as tramas aqui reunidas sejam caminhos para refletir, criar, recriar, imaginar, tensionar e transformar a sua experiência na Metrópole. Faça seu percurso e descubra quantos elementos, muitas vezes desafiadores ou invisíveis, compõem a diversidade das tramas metropolitanas!

TRAMAS **do projeto** **expográfico**

Dânia Lima
Marina Aravani
Patrícia Azevedo



São infinitas as tramas de uma metrópole.

Mas quantas tramas cabem em um espaço expositivo? Quais tramas os curadores escolhem para o público do museu? De que forma as tramas escolhidas podem ser materializadas em uma exposição? Como ativar as sensibilidades dos visitantes para questões que atravessam cotidianamente nossas vidas como cidadãos metropolitanos? Como provocar diálogos, reflexões e instigar sonhos sobre a Região Metropolitana de Belo Horizonte? É possível que memórias e sonhos comuns ajudem a conectar os cidadãos com o território em que vivem?

Tocadas por essas perguntas e tendo em vista o desejo de despertar outras possibilidades de experienciar a região metropolitana – e o próprio museu –, a concepção expográfica inspira-se na experiência de um espaço que se constrói coletivamente com os outros.

Assim, o Núcleo de Expografia engaja-se neste projeto, fazendo uma aposta conjunta com o Núcleo de Ações Educativas: um museu pode ser lugar de se debruçar sobre algum assunto e criar oportunidade para seus visitantes refletirem a partir de um corpo que não apenas contempla, mas desenha, escreve, lê, propõe, desfruta e colabora, trazendo novas perspectivas.

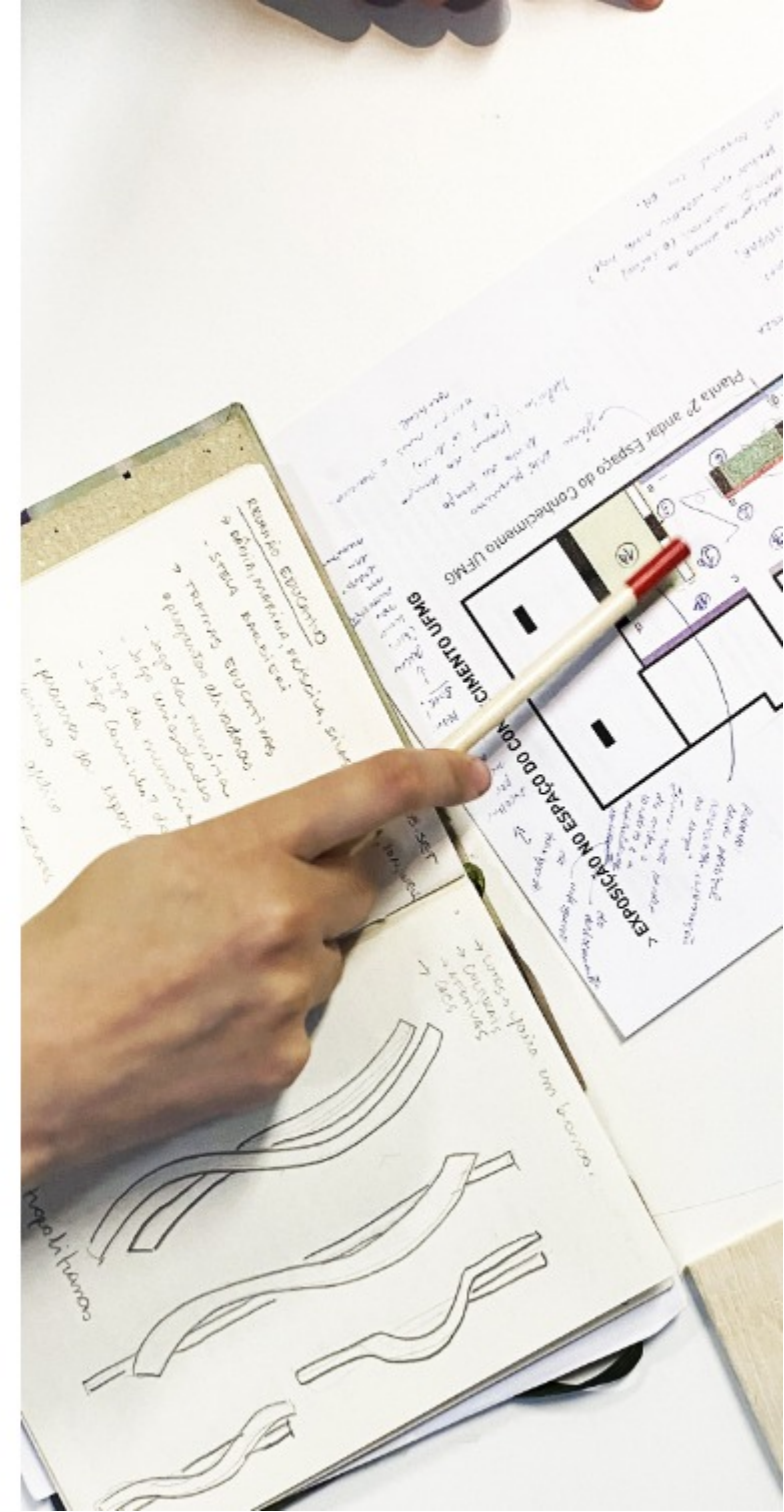
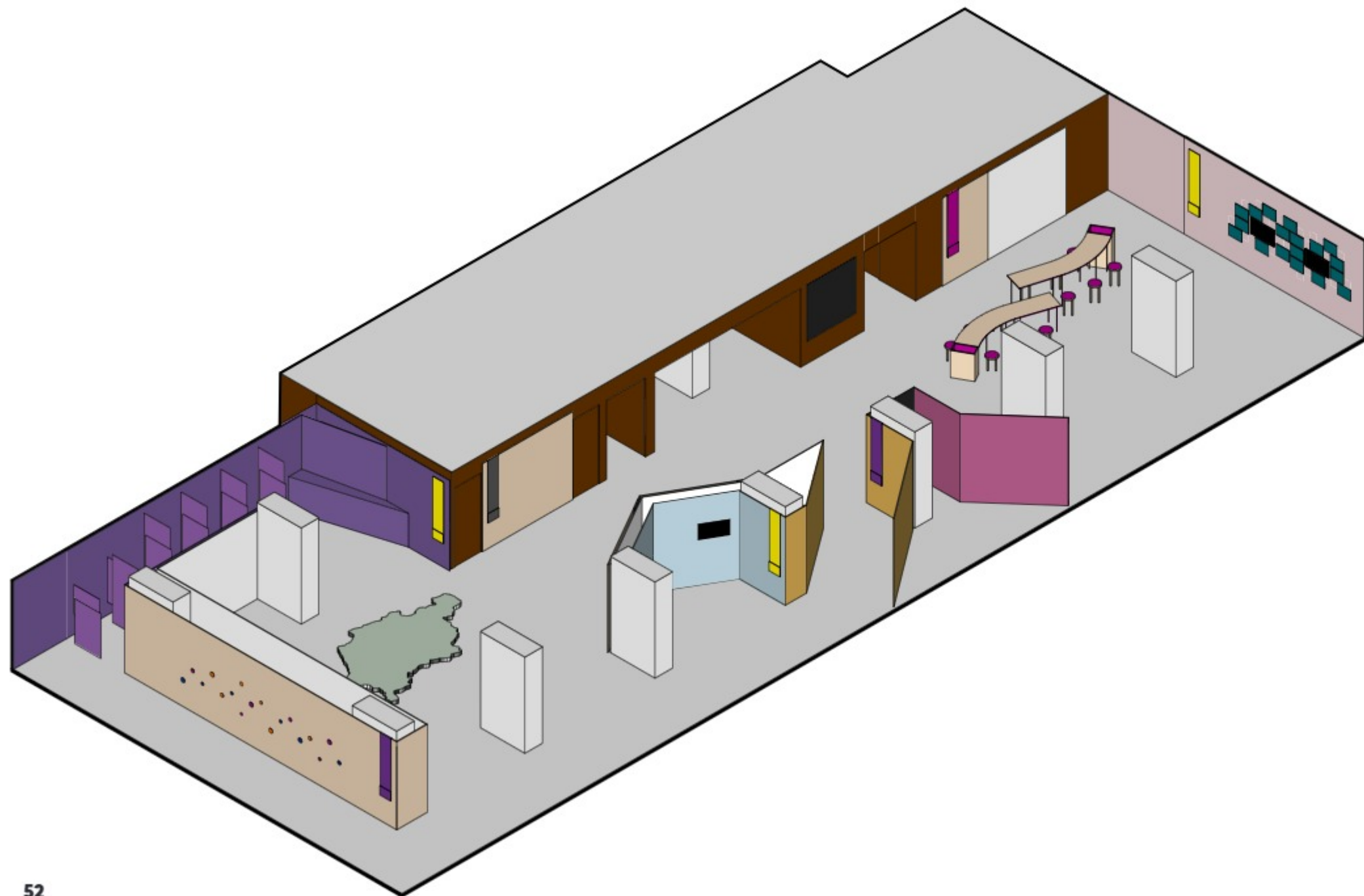
Nossa aposta ganhou vida em um novo formato: um ateliê aberto dentro da exposição, em que o visitante tem a oportunidade de se demorar e colaborar – seja de forma autônoma ou pela mediação de ações educativas –, compartilhando suas próprias percepções e inquietações sobre a região

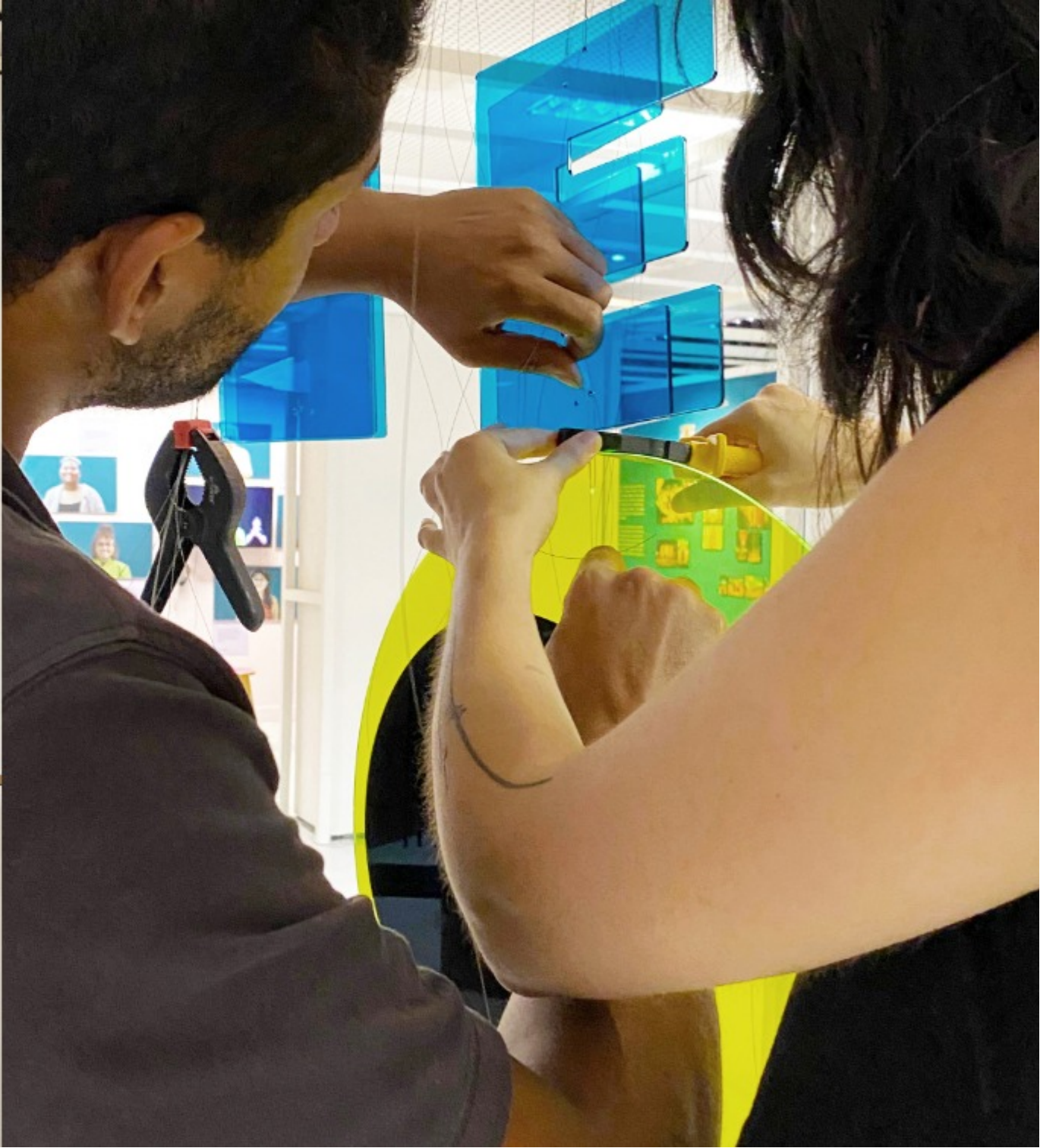
metropolitana. Nesse formato, aberto à colaboração do público, a mediação passa a ocupar um lugar de partilha com as instalações.

A complexidade e diversidade de uma região metropolitana é proporcional ao desafio de elaborar uma exposição sobre ela, um intenso trabalho de adentrar no universo do planejamento e decifrar seu campo de forças, tensões, prazeres, lutas, utopias. A complexidade está também na identidade e sentimento de ser um cidadão metropolitano. Desfrutar das oportunidades e, ao mesmo tempo, ser profundamente afetado por aquilo que ela impõe. Belezas naturais, desigualdades, riquezas culturais, dificuldades de deslocamento, festividades, precariedades de moradias e tantas outras questões que afetam diariamente a vida de milhões de pessoas vivendo nesse continuum urbano.

Diante da amplitude e densidade do conteúdo, tornou-se imperativo pensarmos em como torná-lo acessível para o nosso público, majoritariamente infanto-juvenil. Foi em resposta a esse desafio que o lúdico e o colaborativo ganharam protagonismo na concepção de todo projeto.

Assim, para além do ateliê aberto, que ganha protagonismo no vão central da exposição, e da sua relação com as outras instalações, buscou-se estratégias expográficas que trabalhassem os conteúdos de forma a instigar o visitante a interagir com o espaço expositivo. A escolha pelos recursos de interação analógica é intencional e pensada com o objetivo de engajar o visitante a ativar sua própria corporeidade, valorizando a experiência de estar presente e ativo no espaço expositivo, apostando que memórias e sonhos comuns podem ajudar a conectar os cidadãos com o território em que vivem.





Design em TRAMAS: marca e identidade visual

**Olganelise Möller Ferreira de Gouvêa
Maria Lúsa Almeida
Paulo Henrique Costa Amorim**

a cada um dos municípios, bem como suas respectivas bandeiras. Em paralelo, exploramos a estrutura das palavras que compõem o nome M.E.T.R.O.P.O.L.I.T.R.A.M.A.S. A combinação dos achados dessas pesquisas orientou a definição dos princípios norteadores e elementos-chave que servirão como base para a escolha e desenvolvimento da tipografia e tipologia, especialmente na marca, e deu origem ao estudo de texturas e paleta de cores, que serão explicados adiante.

METROPOLITRAMAS

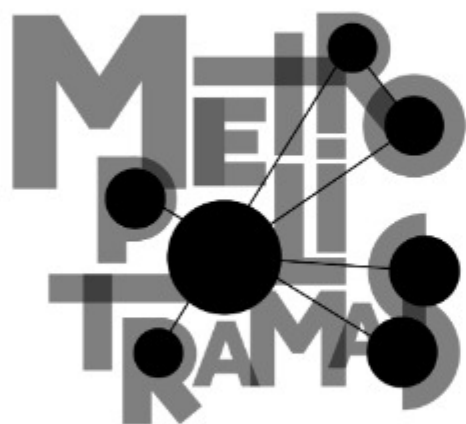
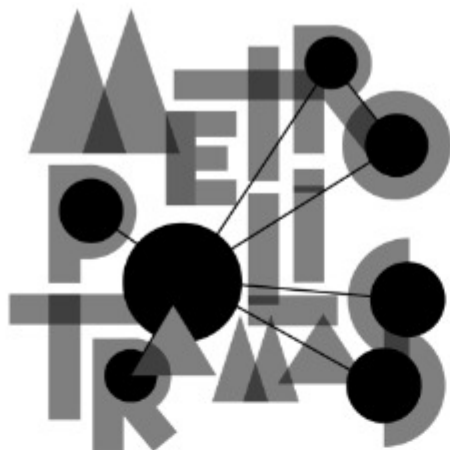
METROPOLI TRAMAS

METRO POLI TRAMAS

Princípios norteadores

Tramas | Conexões | Camadas | Sobreposições | Complexidade | Diversidade | Dinamicidade | Cotidiano | Deslocamentos | Cidades | Natureza | Multiplicidade

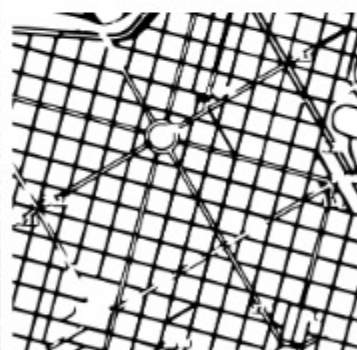
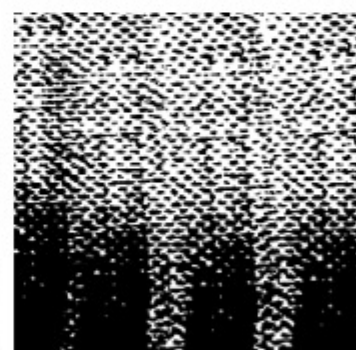
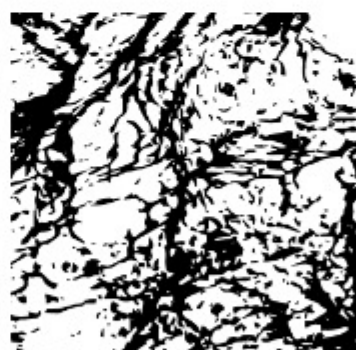
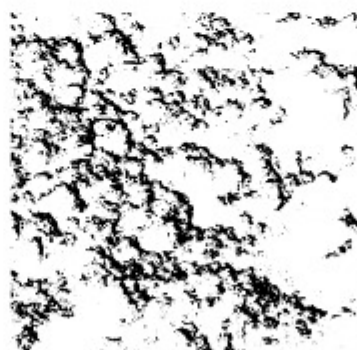
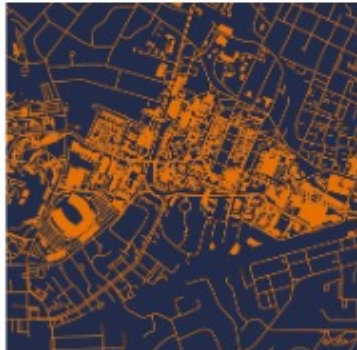
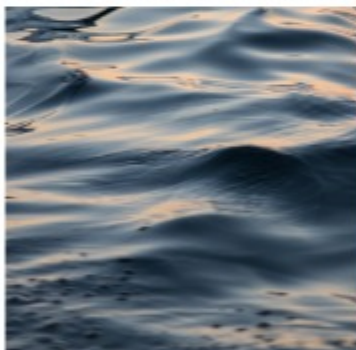
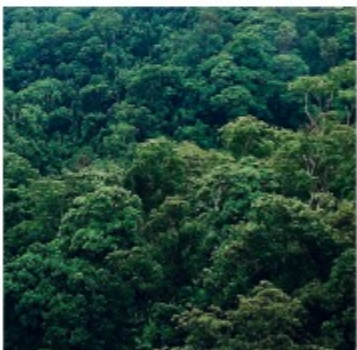
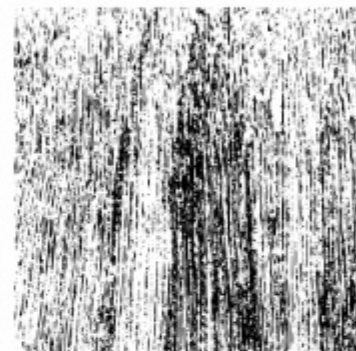
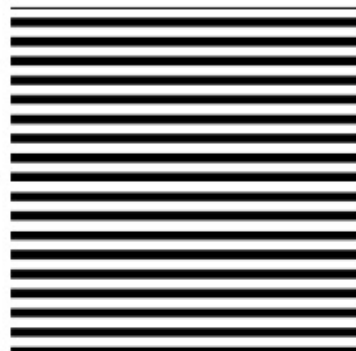
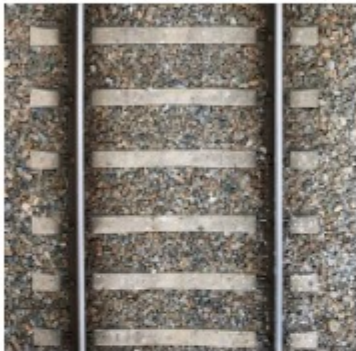




Foram desenvolvidos vários estudos para o desenho da marca. Inicialmente, buscamos uma representação mais figurativa que foi amadurecendo ao longo do processo e privilegiando uma tipografia mais acessível, com melhor legibilidade e objetividade, mas ainda despertando curiosidade, na medida em que almeja prender a atenção do leitor para que ele vá explorando a marca em busca dos seus sentidos. Para tanto, investimos na dinâmica das cores, formas e texturas, criando, assim, uma marca lúdica e gráfica ao mesmo tempo. No processo, trabalhamos combinando os desenhos desenvolvidos no computador com arranjos e experimentações manuais para garantir uma maior fluidez na organização das camadas e formas individuais e do conjunto.

Numa próxima etapa, elencamos as principais texturas identificadas em repetição no mapeamento fotográfico, associado também aos objetivos previstos para as principais tramas a serem trabalhadas na Exposição. A partir daí, traduzimos graficamente essas representações, seguindo a mesma lógica descrita anteriormente para, assim, agregar uma nova camada de informação à identidade visual e à marca.

As cores, por sua vez, trouxeram a camada vibrante que faltava para representar a energia, a vida nesses territórios! Como nossa base projetual foi desenvolvida a partir das pesquisas imagéticas, a presença das cores, bem como sua ausência, dizem de várias histórias e transmitem diferentes sensações conforme são empregadas, amparando assim toda construção da narrativa conceitual.

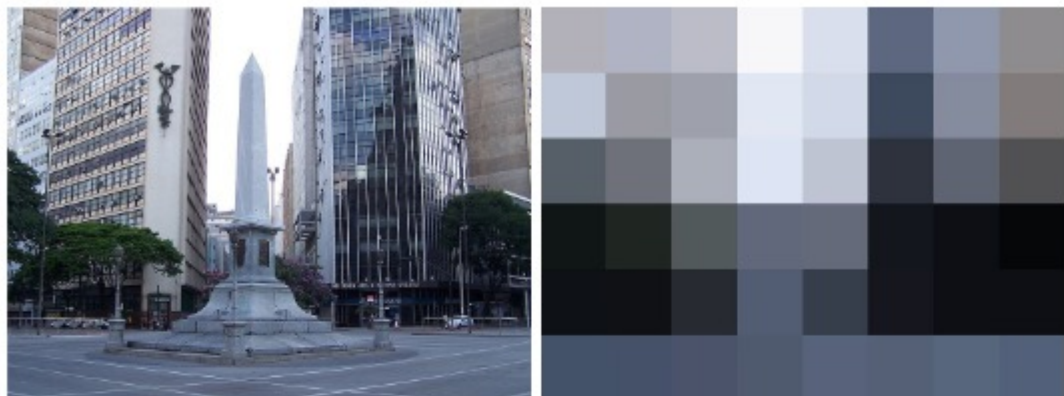


Nesse sentido, foi desenvolvida uma paleta de cores principal, que deu origem à marca e à identidade visual da Exposição, bem como todos seus materiais comunicacionais e de divulgação, incluindo o catálogo. Tal paleta se baseia na combinação de elementos que, a princípio, parecem opostos, mas que, na nossa perspectiva, transmitem, essencialmente, a mensagem desejada para a Exposição.

O primeiro elemento é o preto e suas gradações de cinza, cores que remetem muito ao adensado centro urbano, à presença marcante do asfalto, do concreto, da fumaça... ao caos árido, seco e pesado. O segundo elemento traz o verde e o azul, advindos da propalada e almejada “trama verde e azul”, que diz respeito à ideia de natureza, aqui representada pelas cores tradicionais atribuídas à vegetação e à águas. Essa combinação de cores representa a busca pelo equilíbrio e harmonia entre o urbano e a natureza.

Indo um pouco além, desenvolvemos duas paletas de cores secundárias que buscaram a integração com a também almejada trama multicolorida, e que foram obtidas pela combinação das cores mais presentes no nosso diagnóstico, associadas, especialmente, às manifestações culturais, festividades e arquitetura.







TRAMAS **educativas:** **da concepção à** **ação, território** **de experiências**

Karenina Vieira Andrade
Wellington Luiz Silva
Jonathan Philippe Fernandes Barboza dos Santos
Priscila Gabriele Martins Silva
Cecília Ferreira de Almeida e Silva
Aleilton Lima Monteiro



A exposição MetropoliTRAMAS nasceu com um diferencial que pode ser observado nas interações dos visitantes com as suas instalações, pois a maneira como foi concebida possibilitou a criação de tramas, um verdadeiro emaranhado de memórias e sentidos. O público (re)conheceu-se, desencantou-se e (re)encantou-se ao refletir sobre as tensões e prazeres de viver na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

Uma dimensão importante para a prática educativa em uma nova exposição é o trabalho de formação da equipe. Esse processo formativo, parte da preparação para a inauguração da MetropoliTRAMAS, deu-se inicialmente por meio da leitura dos textos das instalações, da realização de um encontro com um dos curadores da exposição para apresentar o histórico da RMBH e de seu processo de planejamento, e de visitas da equipe educativa mediadas pela equipe de expografia do museu. Entretanto, a formação da equipe também se deu na prática cotidiana após a inauguração da exposição, tanto nas interações entre os membros da equipe durante as atividades, quanto com os visitantes.

No contexto da exposição, o papel do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade do museu foi o de constantemente promover momentos de interação e diálogo, especialmente durante a mediação, que é caracterizada por Martins (2018) como um processo que se constitui em território potente e permeado de tensões, com estranhamentos, aproximações e encontros que valorizam e escutam a voz do outro, em um movimento para ampliação de horizontes. Em uma exposição que, por meio de suas instalações, abordou o processo de construção da RMBH, com seus 34 municípios, e da formação de

uma cidadania metropolitana, o público exerceu um papel central na ampliação de horizontes da equipe educativa do museu. Durante as visitas mediadas e outras atividades, os visitantes contribuíram, enquanto moradores da RMBH, com suas experiências e maneiras singulares de olhar e pensar a região metropolitana, o que enriqueceu o conteúdo exposto e a formação de cada mediador. As práticas cotidianas propiciaram momentos de reflexão que reverberam em cada prática educativa realizada.

A exposição foi concebida de modo a propiciar a interatividade do público com suas instalações, estimulando uma participação mais ativa e menos contemplativa durante as visitas. O desejo dos curadores e da equipe foi o de que as pessoas pudessem efetivamente incorporar à exposição algo dos sentidos e afetos, dos atravessamentos vivenciados durante a visita. Esse desejo norteou a elaboração da instalação “Tramas Educativas”, concebida a partir da parceria entre o Núcleo de Expografia e o Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade. Organizada como um ateliê aberto ao público, essa instalação foi composta por duas mesas, um quadro branco imantado, bancos, cartas de ativações para reflexões e diversos materiais para utilização dos visitantes. Públicos de diversas idades apropriaram-se do ateliê, um lugar onde os visitantes puderam sentar-se e conversar, trocar experiências, construir memórias, afetos e conhecimentos.

“Tramas Educativas” foi uma convocação para que o público do Espaço do Conhecimento UFMG compusesse a exposição. Isso se deu por meio do registro de seus trajetos pela cidade, recados deixados pelos visitantes, elaboração de desenhos, reflexões sobre os problemas da realidade urbana,

desejos de melhorias e registros poéticos sobre o cotidiano nas cidades. A diversidade do público que frequenta o museu tornou a experimentação com o ateliê ainda mais rica.

Na rotina de atividades do museu são recebidos grupos agendados, em sua maioria de instituições escolares, da Educação Infantil ao Ensino Superior, incluindo também a Educação de Jovens e Adultos. No primeiro semestre de 2024, recebemos, por meio do agendamento de visitas, grupos de mais de 12 cidades da RMBH.

Nas visitas agendadas, a interatividade no ateliê da instalação “Tramas Educativas” propiciou relações ativas com os assuntos abordados. Em conjunto, as estratégias de mediação propiciaram experiências nas quais as crianças assumiram o protagonismo, narrando seus trajetos pela cidade, seus modos de deslocamento, suas visões sobre o que é a Região Metropolitana, produzindo relatos que transformaram e compuseram a exposição. Adolescentes, jovens, adultos e idosos, por sua vez, refletiram sobre temas como a precarização do transporte público, os movimentos sociais, a história de Belo Horizonte e os desejos para o futuro da metrópole. Vale destacar as visitas das turmas da Educação de Jovens e Adultos, pois foram momentos importantes de trocas e compartilhamento de memórias sobre a experiência do que é viver e ser parte da RMBH.

Como estratégia para que a discussão da exposição alcançasse outros territórios para além do museu, foi programada a itinerância de atividades relacionadas à MetropoliTRAMAS junto a seis instituições escolares da RMBH. Além disso, produziu-se um kit para os professores, com conteúdos

complementares e um vídeo para o projeto Espaço Aberto a Educadores, apresentando a exposição e convidando profissionais da educação a trazerem seus estudantes para conhecê-la.

Como estratégia para que a discussão da exposição alcançasse outros territórios para além do museu, foi programada a itinerância de atividades relacionadas à MetropoliTRAMAS junto a seis instituições escolares da RMBH. Além disso, produziu-se um kit para os professores, com conteúdos complementares e um vídeo para o projeto Espaço Aberto a Educadores, apresentando a exposição e convidando profissionais da educação a trazerem seus estudantes para conhecê-la. A elaboração de textos para o blog do museu, por parte da equipe educativa e de comunicação, foi mais uma estratégia para ampliar a discussão das temáticas da MetropoliTRAMAS, abordando questões pertinentes à vivência na RMBH, tais como a presença dos Quilombos urbanos, o patrimônio cultural das periferias, a mobilidade urbana, a importância do transporte e o acesso a espaços culturais na cidade.

Em paralelo, ao longo dos meses foram preparadas atividades educativas que integraram a programação do museu aos finais de semana e também nos períodos de férias escolares. Essas ações foram voltadas ao público que visita de modo espontâneo o museu, ou seja, sem agendamento prévio. As atividades foram planejadas para permitir momentos de imersão no universo de discussões da MetropoliTRAMAS. A oficina “Histórias e Memórias na RMBH – Oficina para avós e netos” buscou criar um ambiente de compartilhamento de memórias sobre as cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte, tendo como ponto de partida a instalação “Tramas Afetivas”, que abordou as

subjetividades, memórias e afetos dos moradores da região e a vida cotidiana como base para a construção do espaço metropolitano. Já a atividade “Paisagens e utopias: A RMBH que sonhamos” apresentou as percepções e modificações das paisagens, as possibilidades de apropriação do espaço urbano pelos moradores das grandes cidades, passando por marcos da paisagem atual e de manifestações culturais de hoje e ontem. A ação educativa “Tramas do Futebol: do Parque Municipal ao Mineirão” versou sobre as experiências dos visitantes com o futebol e, por meio das instalações da exposição, contou a história do futebol em Belo Horizonte e nos municípios do entorno, bem como sua evolução junto ao crescimento das cidades. A oficina “O que é ser um cidadão Metropolitano?” refletiu sobre as tensões e os prazeres de habitar essa região, além de discutir quais são os aspectos de uma cidadania metropolitana e como o exercício dessa cidadania auxilia no processo de construção da RMBH e da urbanidade. A atividade “Tramas e Raízes: Árvores da RMBH” contou a história da arborização da RMBH, acompanhada de fatos curiosos e identificação de exemplares de árvores.

Com o objetivo de tornar a mostra acessível, houve a realização de visitas mediadas em Língua Brasileira de Sinais (Libras), a disponibilização dos textos das instalações em braile, em conjunto com os áudios de narração dos textos, bem como a inserção de legendas em português e janela de Libras nos vídeos da exposição. Na instalação “Tramas Educativas” foram disponibilizadas cartas da atividade “Que sinal é esse?”, cujos impressos em Libras apresentavam termos e palavras relacionados ao cotidiano da cidade. Além disso, para redes sociais e o YouTube do museu, foram elaborados vídeos apresentando os sinais de alguns municípios da RMBH em Libras, convidando

a comunidade surda a conhecer a MetropoliTRAMAS. Essas ações e recursos educativos desenvolvidos contribuem para a acessibilidade, comunicação e a inclusão, e permitem a fruição e vivências das pessoas com deficiência na exposição, bem como evidenciam a importância da acessibilidade para todos os visitantes, reforçando o compromisso do museu com a inclusão e a valorização da diversidade.

Uma exposição de curta duração sempre causa na equipe um sentido de renovação, reflexão e reestruturação de suas ações. O entrelaçamento entre expografia e educativo, ensaiado em outras exposições, materializou-se em uma instalação potente e que evidenciou a necessidade de criar, cada vez mais, espaços nas exposições para que as pessoas registrem as suas vozes, permaneçam mais tempo, brinquem e compartilhem com outros visitantes. Nessa criação de redes, as tramas da exposição permitiram registros que contam da identificação dos visitantes com a exposição e muitas e muitas outras Tramas de histórias...

Referências bibliográficas

MARTINS, M.C. Mediação. In: Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018, p. 84-88. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>>.



TRAMAS
planetárias:
explorando o
Sistema Solar a
partir de pontos
de referência
na região
metropolitana
de BH

Nathalia Nazareth Junqueira Fonseca
Fernanda Silva de Oliveira



O Universo fascina a todos com suas belas nebulosas, estrelas, galáxias e planetas. No entanto, compreender suas dimensões é um desafio para a mente humana, pois envolvem distâncias e tamanhos que extrapolam as medidas que vivenciamos no dia a dia, até mesmo no caso da nossa vizinhança planetária.

Ao fazer uma rápida pesquisa na internet sobre o Sistema Solar, encontramos diversas imagens dos planetas com tamanhos semelhantes entre si e posicionados bem próximos. Essas representações não levam em consideração as escalas reais de tamanho e distância entre eles. Reproduzir essas medidas em uma mesma escala é um grande desafio. Por exemplo, se a Terra fosse uma moeda de 1 Real, o Sol teria quase 3 metros de diâmetro e estaria a uma distância de mais de 316 metros. Nessa mesma proporção, o maior planeta do Sistema Solar, Júpiter, teria pouco mais de 30 centímetros de diâmetro, mas estaria a mais de 1,6 quilômetro de distância do Sol. Assim, é necessário um grande espaço para reproduzir nosso sistema planetário em uma mesma escala de tamanho e distância.

A exposição MetropoliTRAMAS mostrou-se uma boa oportunidade para explorarmos as dimensões do Sistema Solar utilizando pontos de referência e cidades da região metropolitana de Belo Horizonte. Dessa maneira, os locais conhecidos pelos cidadãos metropolitanos podem auxiliar na compreensão das verdadeiras proporções de nossa vizinhança planetária. Partimos da ideia de que nossa estrela estaria localizada em Belo Horizonte e a órbita do planeta anão Plutão deveria se posicionar sobre alguns dos municípios do colar

metropolitano, próximo à extremidade da RMBH. Além disso, como a atividade seria realizada com os visitantes no Espaço do Conhecimento UFMG, pensamos em posicionar algum objeto importante, como o Sol ou a Terra, no museu. Os cálculos para determinar a escala a ser utilizada na representação dos tamanhos dos planetas e de suas distâncias até o Sol, considerando essas condições simultaneamente, não são simples. Felizmente, encontramos uma ferramenta online, "Solar System Scale Model Calculator", desenvolvida e disponibilizada gratuitamente no site <https://thinkzone.wlonk.com/> por um físico americano chamado Keith Enevoldsen. No site, é possível escolher o tamanho ou a distância ao Sol de qualquer objeto do Sistema Solar como referência para a escala, e definir qual será o tamanho dessa grandeza na representação. Além disso, fornecendo a latitude e longitude de um ponto na superfície terrestre, a ferramenta gera um mapa indicando o Sol posicionado no local determinado e as posições das órbitas dos outros objetos ao seu redor, representados na escala escolhida.

Após avaliar algumas opções, chegamos a uma configuração em que o Sol, com mais de 16 metros de diâmetro, estaria posicionado na Praça da Estação em Belo Horizonte, exatamente no local do Monumento à Terra Mineira. Nessa escala, a Terra é representada por uma esfera com 15 centímetros de diâmetro e sua órbita passa pelo prédio do Espaço do Conhecimento UFMG. Os tamanhos dos demais objetos do Sistema Solar, assim como os pontos de referência e cidades da RMBH por onde suas órbitas passam, estão listados na tabela a seguir.

OBJETO	DIÂMETRO	DISTÂNCIA AO SOL	LOCALIZAÇÃO CORRESPONDENTE DA ÓRBITA NA RMBH
SOL	16,39 m	–	Praça da Estação
MERCÚRIO	5,75 cm	0,68 km	Parque Municipal
			Igreja São José
			Shopping Oiapoque
VÊNUS	14,25 cm	1,27 km	Igreja N. Senhora da Boa Viagem
			Minas Centro
			Mercado Novo
			Santa Casa
TERRA	15 cm	1,76 km	Espaço do Conhecimento UFMG
			Sede do Atlético
			Clube do Cruzeiro
			Praça Duque de Caxias
LUA	4,1 cm	4,53 km (distância à Terra)	–
MARTE	7,98 cm	2,68 km	Shopping Pátio Savassi
			Museu Abílio Barreto
			Maternidade Odete Valadares
			Hospital Belo Horizonte
CERES cinturão de asteroides	1,12 cm	4,87 km	Praça do Papa
			Parque das Mangabeiras
			Minas Shopping
			CEFET Campus 1

OBJETO	DIÂMETRO	DISTÂNCIA AO SOL	LOCALIZAÇÃO CORRESPONDENTE DA ÓRBITA NA RMBH
JÚPITER	164,6 cm	9,17 km	Lagoa da Pampulha
			Arena MRV
SATURNO	137,2 cm	16,87 km	Pq. Estadual da Serra do Rola Moça
			Ibirité
			Prefeitura Municipal de Contagem
			Honório Bicalho
URANO	59,72 cm	33,87 km	Pedro Leopoldo
			Aeroporto Internacional de Confins
			Lagoa Santa
			Pq. Nacional da Serra do Gandarela
NETUNO	57,99 cm	53,02 km	Prudente de Moraes
			Bom Jesus do Amparo
			Santa Bárbara
			Santo Antônio do Leite
			Mateus Leme
			Florestal
PLUTÃO cinturão de Kuiper	2,79 cm	69,16 km	Baldim
			São Gonçalo do Rio Abaixo
			Itaúna
			Pará de Minas
			São José da Varginha

Iniciamos a atividade apresentando ao público os objetos do Sistema Solar ilustrados em um papel com os tamanhos indicados na tabela, com exceção do Sol, Júpiter e Saturno. Por serem muito extensos mesmo nessa escala, é necessário compará-los com estruturas maiores para dar uma melhor ideia de suas dimensões. Nesse caso, o Sol é do tamanho da fachada do Espaço do Conhecimento UFMG, enquanto Júpiter e Saturno podem ser representados por participantes da atividade que tenham altura próxima ao diâmetro desses planetas, proporcionando uma maior interação com o público durante a apresentação das informações. Características de cada um dos objetos também são abordadas durante essa etapa da atividade.

A fim de introduzir a distância dos planetas ao Sol nessa escala, primeiro exploramos a distância entre a Terra e a Lua. Esses dois corpos são representados por miniaturas pintadas em bolas de isopor, com os respectivos diâmetros listados na tabela, e os participantes são convidados a tentar adivinhar, nessa mesma escala, a separação entre eles, que é possível representar no espaço onde a atividade é realizada. Para os demais corpos do Sistema Solar, explicamos que as distâncias até nossa estrela envolvem dimensões muito maiores e, por isso, utilizaremos pontos de referência da RMBH. Através de um projetor digital, exibimos em uma parede um mapa interativo de Belo Horizonte e sua região metropolitana, que permite aproximar a imagem, para ver mais detalhes das ruas e lugares, ou afastar, para visualizar a região como um todo. Informamos aos participantes que o Sol está localizado no monumento ao centro da Praça da Estação, e solicitamos

que sinalizem no mapa projetado onde acham que se localizam os demais objetos, fixando sobre a parede imagens em miniatura desses corpos celestes.

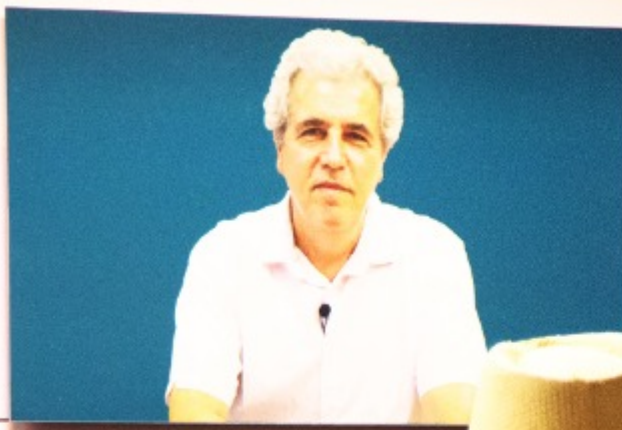
Partindo do objeto mais próximo ao Sol, Mercúrio, até o mais distante, Plutão, diversos locais e cidades da região metropolitana são percorridos, evidenciando as grandes distâncias que separam os objetos do Sistema Solar. Os participantes ficam impressionados com as reais dimensões de nossa vizinhança planetária e se divertem com as órbitas dos planetas sobrepostas na RMBH, associando os lugares onde moram, estudam e trabalham aos corpos celestes mais próximos. Através dessa experiência, as pessoas são provocadas a criar uma nova referência para compreender distâncias e tamanhos de outras partes ainda maiores do Universo, transformando as fronteiras do fascínio em limites de sua própria imaginação.

TRAMAS

audiovisuais

Júlia Lobato
Maurício Gino
Kayke Quadros

is muito
cios
cipais com
unicipais
) Sonho
ropolitana
de fato,
s e os



“Tem uma sensação de não
lugar. Por mais que você
esteja próximo, você não está
próximo. Por mais que você
tenha essa vivência, você
não tem. Por mais que você
seja metropolitano, você
também não é um cidadão
metropolitano.”

Luiz Silva
Rio

“Ser um cidadão
metropolitano é um ato
muito político. É entender
como isso impacta sua vida,
e como você pode lutar para
que as coisas sejam mais
fáceis durante esse
momento.”

Maria Theresa Ianni
Coragem



O que constrói a Região Metropolitana de Belo Horizonte? Ou melhor, quem a constrói?

No processo de criação da exposição MetropoliTRAMAS e durante nossas discussões sobre a história e a construção da Região Metropolitana de Belo Horizonte, algumas preocupações estiveram presentes desde o início: como representar quem de fato faz a RMBH? Como fazer com que os cidadãos metropolitanos possam se enxergar na exposição, que é justamente sobre os lugares a que pertencem?

Esses questionamentos guiaram a participação do Núcleo de Audio-visual na elaboração da exposição. Nossa primeira empreitada, de grande responsabilidade, foi dar vida à instalação Tramas Afetivas, na qual coletamos diversos depoimentos de moradores da RMBH, com a expectativa de captar seus olhares, memórias e aspirações. As perguntas que nortearam as entrevistas nesse processo buscavam investigar os afetos, utopias e complexidades de residir na Região Metropolitana de Belo Horizonte:

“ O que significa ser um cidadão metropolitano?

Você tem alguma memória afetiva relacionada aos lugares nos quais viveu na Região Metropolitana de Belo Horizonte?

O que você sonha para a RMBH? ”



As perguntas anteriores foram disparadoras para a produção dos vídeos que compõem a instalação. Com a captação dos depoimentos das pessoas moradoras de diferentes regiões, chegamos a um material que, mesmo representando apenas um recorte entre os inúmeros possíveis, possibilitou que os cidadãos da RMBH se fizessem reconhecidos de alguma forma.

Além das histórias, afetos e sonhos, o trajeto, o deslocamento, foi um aspecto que surgiu de maneira muito forte entre os depoimentos. Da dificuldade do transporte, muitas vezes precarizado, até a afetividade ali construída. A partir daí, pensamos em um compilado de vídeos que demonstrasse o percurso diário de muitos cidadãos metropolitanos. Vídeos enviados pela equipe do Espaço, com o registro simples de seus deslocamentos como moradores da RMBH, compuseram a instalação *Tramas em Movimento*, que destaca o trânsito, a paisagem, os contratempos e a contemplação cotidiana.

Para muito além de retratar os percalços e desafios, a equipe do Espaço do Conhecimento UFMG também se deparou com a necessidade de representar a beleza, a cultura e a apreciação da RMBH. Assim, o Núcleo de Audiovisual entrou como apoio à instalação *Tramas e Trilhas*, gravando áudios sobre diversos lugares, suas especificidades e curiosidades, o que contribuiu para trazer a contemplação e favorecer o conhecimento de algumas das diversas belezas da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Na instalação *Tramas e Utopias*, a visão dos curadores vem à tona, através da gravação de suas falas, bem como as origens da exposição. Para a gravação, discutiu-se sobre: do que é feita a RMBH? Como se deu a cons-

trução do plano diretor, seu planejamento? O que ainda se contrapõe na Região Metropolitana e o que é pensado daqui para frente, como possibilidade de futuro?

As tramas e as utopias, em seus multissignificados, surgem como um fio condutor, em toda a exposição, daquilo que compõe a Região Metropolitana de Belo Horizonte, seus encantamentos e seus transtornos, os percalços e as contemplações, os contratempos e os prazeres. Das dualidades da RMBH, nasce uma exposição que traz em si uma grande dose de complexidade e beleza, assim como ocorre com os cidadãos metropolitanos, suas trocas e afetos.

**PLANEJAR
SIGNIFICA
SONHAR E
IDEALIZAR,
UM EXERCÍCIO
DE INVENTAR
FUTUROS.**



TRAMAS em reverberação

**Fernando Silva
Camila Mantovani
Ana Carolyna Barboza
Maria Eduarda Abreu Guimarães**



Diálogos Metropolitanos... Tramas Metropolitanas... MetropoliTRAMAS. Conexões entrelaçadas, um tecido das relações humanas e urbanas. Que outro nome, senão um neologismo, poderia melhor apresentar uma exposição que surge de inspirações plurais e de um território diverso em constante transformação?

M.e.t.r.o.p.o.l.i.T.R.A.M.A.S

Comunicar sobre uma região tão multifacetada como a Região Metropolitana de Belo Horizonte não é uma tarefa trivial. Assim como as demais equipes do Espaço do Conhecimento UFMG, durante todo o processo de pesquisa e desenvolvimento da exposição, o Núcleo de Comunicação do museu não esteve alheio aos desafios intensos, principalmente relacionados ao lançamento da mostra. A complexidade ao trabalhar os temas que integram as instalações da exposição em formatos acessíveis e atrativos foi um deles. Por meio da redação e produção de textos formativos para o Blog do Espaço, de episódios especiais para o podcast Pílulas do Conhecimento, e de publicações nas redes sociais, por exemplo, materiais complementares às temáticas das exposições foram desenvolvidos, desdobrando-se e reverberando cada

vez mais. Nesse processo, o intuito de contribuir com a formação crítica dos públicos do Espaço do Conhecimento UFMG – acerca de eixos como transporte, trânsito, história afrodescendente, gastronomia, poluição luminosa, patrimônio e muitos outros – se fortaleceu em uma iniciativa que uniu também diferentes núcleos do museu. Parte desses materiais poderão ser acessados por meio do presente catálogo.

A produção de conteúdos que visam superar as narrativas dominantes que, muitas vezes, simplificam e estigmatizam determinadas áreas ou grupos sociais, foi outro evidente desafio. Por meio da exposição, a Comunicação do museu buscou elucidar novas possibilidades e visões, baseadas especialmente no eixo das ações culturais, em caráter reflexivo e formativo, dos mais diversos elementos que compõem a RMBH. Esse desafio se deu a partir da tentativa de pautar a exposição em veículos jornalísticos e midiáticos. Por vezes, coberturas relacionadas a tragédias e delitos tomam conta de toda a teia noticiosa da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Desse modo, a proposição de outros assuntos, como atividades, oficinas e ações do museu ligadas à exposição, é estrategicamente pensada para apresentar novas perspectivas sobre esse território. A tentativa de promover diferentes percepções sobre a Região Metropolitana de BH surge do desejo de não apresentar uma imagem idealizada, mas sim de estimular uma reflexão crítica sobre as múltiplas dinâmicas que moldam essa região.

Manchetes em TRAMA

BHAZ DEZ. 2023

**METROPOLITRAMAS:
EXPOSIÇÃO REVELA AS
VÁRIAS FACES DA GRANDE BH**

REVISTA MUSEU JAN. 2024

**METROPOLITRAMAS:
VISITAS GUIADAS
MOVIMENTAM ESPAÇO
DO CONHECIMENTO
EM JANEIRO**

PORTAL UFMG FEV. 2024

**EXPOSIÇÃO NO
ESPAÇO DO CONHECIMENTO
EXPLORA IDENTIDADE E
DESAFIOS DA GRANDE BH**

PORTAL
AGÊNCIA RMBH ABR. 2024

**SERVIDORES DA AGÊNCIA
RMBH VISITAM A
EXPOSIÇÃO
"METROPOLITRAMAS - 50
ANOS DA RMBH"**

PORTAL RIBEIRÃO
DAS NEVES.NET ABR. 2024

**OLHARES METROPOLITANOS:
CONCURSO PROMOVIDO
PELO ESPAÇO DO
CONHECIMENTO UFMG
SELECIONARÁ FOTOGRAFIAS
E VÍDEOS QUE RETRATAM
A RMBH**

ITATIAIA ABR. 2024

**O QUE FAZER EM
BELO HORIZONTE E NA RMBH
NESTE FINAL DE SEMANA?**

CULTURADORIA ABR. 2024

**ESPAÇO DO CONHECIMENTO
UFMG SELECIONARÁ
FOTOGRAFIAS E VÍDEOS QUE
RETRATAM A RMBH**

PORTAL UFMG ABR. 2024

**ECONOMIA POPULAR,
AGROECOLOGIA E CORTEJO
AFRO: ESPAÇO DO
CONHECIMENTO CELEBRA
50 ANOS DA RMBH
COM PROGRAMAÇÃO
ESPECIAL**

NOVO JORNAL MAI. 2024

**VIDA NA METRÓPOLE
É DESTAQUE DA AGENDA
DE MAIO DO ESPAÇO
DO CONHECIMENTO**

PORTAL UFMG JUL. 2024

**SÁBADO: ESPAÇO DO
CONHECIMENTO TEM
PROGRAMAÇÃO DEDICADA A
REGIÃO METROPOLITANA
DE BELO HORIZONTE**

NOVO JORNAL AGO. 2024

**ATRAÇÕES DA RMBH
INTEGRAM PROGRAMAÇÃO
NO ESPAÇO DO
CONHECIMENTO UFMG
EM AGOSTO**

TRAMAS vivas

Desde sua inauguração, MetropoliTRAMAS tem sido um ponto de encontro para os residentes dos diversos municípios que compõem a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e o Colar Metropolitano. Visitantes de Belo Horizonte, Betim, Caeté, Confins, Contagem, Esmeraldas, Ibirité, Igarapé, Jaboticatubas, Juatuba, Lagoa Santa, Mateus Leme, Nova Lima, Nova União, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Sabará, São José da Lapa, Santa Luzia, Sarzedo, Vespasiano, Itaúna, Pará de Minas e Sete Lagoas já exploraram as instalações e se envolveram com as narrativas que retratam as múltiplas experiências e complexidades.

Nesse sentido, a exposição tem sido uma fonte de inspiração e reflexão. Alguns dos comentários deixados nos livros de registro disponíveis na exposição capturam a diversidade de reações e experiências dos visitantes.

É nossa esperança que MetropoliTRAMAS não apenas inspire e celebre a diversidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte, mas também incentive questionamentos e diálogos que se estendam para além do território e de suas complexidades.

Somos parte integrante das MetropoliTRAMAS, que nos envolvem e nos conectam, tecendo os fios invisíveis que dão forma às nossas cidades e às nossas vidas.

Gabrielle Gonçalves – BH | MG
08 dezembro de 2023

Voltar a BH e visitar
essa exposição foi
incrível! Beleza, utili-
za, informação e luta.
É lindo o olhar do espaço
do conhecimento sobre BH.
Incrível!

UMA MESA, PAPEL E
CANETINHAS ... TUDO
COLORIDO.

E COM ISSO PASSAMOS
HORAS E HORAS.

Gabriela Armênio – sem local
22 março de 2024

Incravilhoso.
Parabéns aos
idealizadores
Apoiadores e
executores!

Ronilda Maria – Betim | MG
23 março de 2024

Estamos gratos
pela oportunidade
de aprendizado.
Visita incrível!

Bernardo Ribeiro – Nova Lima | MG
11 maio de 2024

A gente viaja no tempo
e no espaço, mas com
muita emoção no
coração de tudo aquilo
que a gente já viveu e
estamos vivendo! ♥

Mariana Fernanda – Santa Luzia | MG
21 maio de 2024

ÓTIMO PARA
QUEM É DE
DENTRO E DE
FORA. MT CULTURA! ♥ ♥

Delliz Christine – Contagem | MG
17 janeiro de 2024

TANTA
CULTURA
UAI 😊

Jessica Pereira – Mauá | SP
12 janeiro de 2024

O PÚBLICO

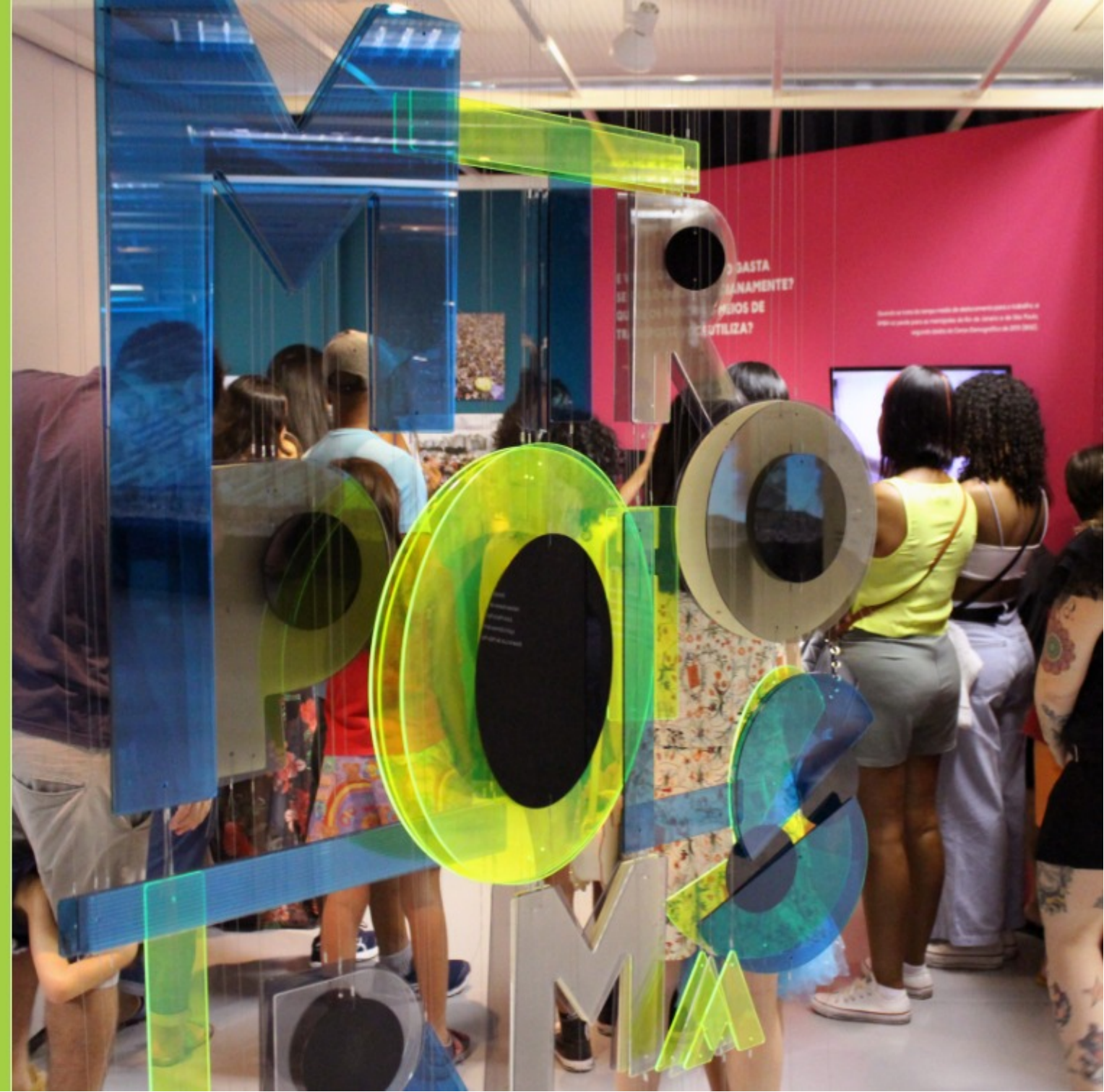
O que vocês estão tramando aí?

**Nas tramas da metrópole,
cada rua traça uma história
composta por serras, rios, árvores, aves,
um emaranhado de memórias...**

**Aqui,
tramo um caminho,
traço uma linha,
entrelaço a sua história com a minha.**

**Tudo pode nessa trama,
até dar um nó é permitido,
aliás, é fundamental.**

**Que você possa se inspirar,
relembrar e assim criar
as suas próprias
Tramas Educativas.**





Oficinas realizadas pelo Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade, articuladas à Exposição MetropoliTRAMAS

Visita mediada à exposição MetropoliTRAMAS:

Durante a atividade, o público foi convidado a conhecer a exposição e refletir sobre a ocupação dos espaços da cidade e as alternativas para uma Região Metropolitana mais acessível, democrática e inclusiva.

Visita mediada à exposição MetropoliTRAMAS acessível em Libras

Na atividade, através de diálogo com educadores do museu, instalações interativas e ações lúdicas, refletimos sobre a ocupação dos espaços urbanos e alternativas para uma Região Metropolitana mais acessível, democrática e inclusiva. O foco principal foi o aprendizado de Libras e dos sinais relacionados à RMBH, promovendo maior inclusão e acessibilidade para pessoas surdas e o aprendizado da Libras para pessoas ouvintes.





“

A experiência reforçou meu compromisso com a promoção da inclusão e acessibilidade na educação sobre nossa cidade. Ver as pessoas aprendendo Libras e se engajando com os sinais relacionados à RMBH foi gratificante, mostrando como podemos construir uma comunidade mais integrada e os sinais da Libras mais conhecidos.

”

Gabriel Otávio

surdo

aluno do curso de Direito e bolsista PIPA
(Programa de Inclusão e Promoção à Acessibilidade da UFMG)
do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade

Visita à exposição MetropoliTRAMAS - “Tramas do Futebol: do Parque Municipal ao Mineirão”

Você sabia que o primeiro jogo de futebol da capital mineira aconteceu no Parque Municipal? Por meio da exposição “MetropoliTRAMAS”, a visita mediada contou a história do futebol na RMBH, sua evolução junto com o crescimento das cidades e o potencial desse esporte para a sociabilidade.





Oficina “Slam do Conhecimento”

A atividade teve como objetivo apresentar a expressividade através do slam, em diálogo com a exposição “MetropoliTRAMAS”, ao refletir sobre as vivências das juventudes nos meios urbanos, em destaque a juventude negra e periférica. A oficina também teve o intuito de demonstrar a potência do subgênero do hip-hop para apresentar e construir conceitos acadêmicos, por meio de uma pedagogia própria da negritude.

“
Ao propor uma oficina onde a cultura hip-hop é explicada e executada, busco colocar em evidência essa vivência em espaços que ainda não haviam sido integrados. Há um debate sobre o que deve ou não deve estar no museu, que implica automaticamente em quem acessa esses lugares. O slam do conhecimento trouxe poesias de artistas como a Bixarte, Liin da quebrada, Maria e a apresentação do meu slam e do slammer V1t1nho, assim transparecendo tudo que está estagnado nas múltiplas escrituras negras que vivem no país
”

Kayke Vinicius

estudante do curso de Antropologia e Arqueologia da UFMG
e mediador do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade





Oficina “Tramas e Raízes: Árvores da RMBH”

A oficina narrou a história da arborização da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), acompanhada de fatos curiosos e da identificação de espécies. Posteriormente, realizou-se uma atividade prática de conservação de folhas, por meio do método de prensagem com livros, e a construção de um pequeno herbário pessoal.

“

É através da conscientização dos atuais habitantes e das futuras gerações que irão habitar essa terra que será possível mantê-la, fazendo deste conhecimento de cunho botânico, um ato político.

”

Bianca Ester

estudante do curso de Artes Visuais da UFMG
e mediadora do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade





Histórias e Memórias na RMBH - Oficina para avós e netos

A atividade buscou criar um ambiente de compartilhamento de memórias entre avós e netos sobre as cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte, tendo como ponto de partida a exposição "MetropoliTRAMAS". Com o foco na instalação "Tramas Afetivas", a oficina abordou as subjetividades, memórias e afetos dos moradores da região metropolitana de Belo Horizonte, e a vida cotidiana como base para a construção do espaço metropolitano.

“

A atividade nos permitiu explorar juntos lugares significativos e redescobrir nossa conexão com a cidade. Falar dos meus avós durante uma oficina foi emocionante e fez reforçar nossos laços familiares através de suas histórias. Saímos inspirados a valorizar ainda mais nossa cidade e suas memórias.

”

Priscila Martins

assistente educacional

do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade
e realizadora da oficina em conjunto com
a estagiária Cecília Ferreira





Oficina “Sistema Solar na RMBH”

Nesta atividade, os planetas do Sistema Solar são apresentados em uma mesma escala de tamanho e distância. Para isso, são explorados pontos de referência e cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte, auxiliando na compreensão das verdadeiras proporções de nossa vizinhança planetária.

Paisagens e utopias: A RMBH que sonhamos (festival de inverno)

A atividade tem como foco a percepção e as modificações das paisagens de Belo Horizonte e sua Região Metropolitana, bem como as possibilidades de apropriação do espaço urbano pelos moradores das grandes cidades. A ação dialoga com as instalações da exposição "O que é uma RMBH?", a linha do tempo que apresenta os diversos fatos históricos e seus desdobramentos para a construção dos territórios, e a maquete que representa os 34 municípios que constituem a RMBH.





na cidade, aprendemos a conviver, descobrimos as diferenças e a individualidades. Notamos o deslocamento frente da burguesia por corpos marginalizados. Esperando que políticas públicas sejam realizadas. Na cidade, desjanto variegado



METRÔ
NO
BARREIRO

TARIFA
ZERO
BH

S.O.S
MATA DO
JARDIM
AMÉRICA!

Abaixa
o preço
da
passagem



+ Planejamento
de Inclusão
Social, com
maior
acessibilidade

por mais
AGRICULTURA
FAMILIAR!
VIVA MST

EU
NEV

Que as ideias não
sejam apenas ideias,
mas sejam estudadas,
testadas, comprovadas
e viam realidade
★

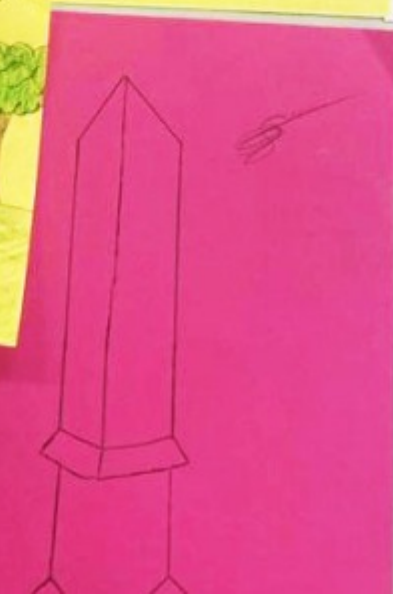
Amor começa
mais sobre BH!
Não sou daqui
e o que mais
tem me chamado
atenção é a diversidade
cultural!



EU AMEI TANTO
A EXPOSIÇÃO QUE
VOLTEI CINCO
VEZES COM
PESSOAS DIFERENTES



6/4/2024



Metrô ★
no
Barreiro!
URGENTE



LIBERDADE
de
EXPRESSÃO



EDUCAÇÃO
PÚBLICA
DE
QUALIDADE!

METRÔ
no
BARREIRO



EUB
NEV

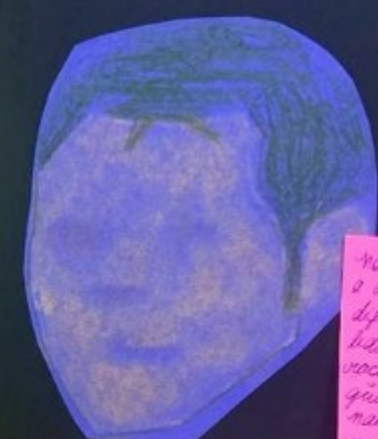
+ Planejamento
de Inclusão
Social, com
maior
acessibilidade

METRÔ
NO
BARREIRO



TARIFA
ZERO
BH

POR MAIS
AGRICULTURA
FAMILIAR!
VIVA MST



na cidade, aprendemos
a entender, reconhecer as
diferenças e a individuali-
dades. Também a exple-
ração dentro da bur-
guesia, por esse margi-
nalizados. Aprendemos
que políticas públicas
são necessárias. No caso
de doenças crônicas

Abaixa
o PREGO
da
Passagem

S.O.S
MATA DO
JARDIM
AMÉRICA!

Que as ideias não
sejam apenas ideias,
mas sejam estudadas,
testadas, comprovadas
e viam realidade
★

PARA O PÚBLICO

Textos de autoria do Núcleo de
Ações Educativas e Acessibilidade
publicados no **Blog do Espaço**

Entre o Concreto e a Resistência: o quilombo urbano em Ribeirão das Neves

O texto destaca a luta e preservação da cultura afro-brasileira pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Por meio de histórias de resistência e desafios contemporâneos, a autora revela a importância das comunidades quilombolas na Região Metropolitana de Belo Horizonte, celebrando sua rica tradição e resiliência.



Rayssa Marrayne César de Sousa
autora do texto – estudante do curso de Antropologia da UFMG e mediadora do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade

O Futebol na RMBH: aspectos históricos e sociais

O texto conta sobre as raízes do futebol na RMBH, começando pelo primeiro time, fundado por Victor Serpa, até os tempos atuais. Para melhor compreensão do leitor, ele é dividido em tópicos. São eles: “O Pontapé Inicial”, sobre os primeiros times; “O profissionalismo e a diversidade”, sobre o processo de profissionalização do esporte na RMBH; “A rivalidade atlético x cruzeiro”; “Aspectos Sociais do Torcer”, com uma abordagem sociológica do ato de torcer e ser adepto do futebol; “Os Palcos”, contando um pouco da história dos estádios de futebol; e “A Atualidade”, falando do momento atual do futebol e das lutas sociais que se entrelaçam com o esporte.

Aleilton Lima Monteiro
autor do texto – estagiário do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade



Desvende a Região Metropolitana de Belo Horizonte através de 5 destinos turísticos para se conectar com a natureza

O texto apresenta cinco atrativos turísticos naturais presentes na RMBH, onde moradores ou turistas podem usufruir de seus benefícios físicos e mentais. Os parques citados são: Parque Nacional da Serra do Cipó, Parque Nacional da Serra do Gandarela, Parque Estadual do Sumidouro, Parque Estadual Serra do Rola Moça e o Parque das Mangabeiras



Cecília Ferreira

autora do texto – estudante do curso de bacharelado em turismo da UFMG e estagiária do Núcleo de Ações

Vozes da quebrada: a favela como patrimônio cultural

“Vozes da quebrada” é um texto que demonstra como o Brasil, por mais que possua uma enorme confluência de raças, tem um grande conflito no que se refere à diversidade cultural. A criminalização da arte e da cultura preta e periférica, como a construção de um ideal do patrimônio e uma raiz racista, fez com que as diversas artes de cor se encontrassem em um não-lugar dentro da própria noção de arte no Brasil.

Jennyfer Felício e Kayke Vinicius

autores do texto – estudantes do curso de Antropologia e Arqueologia da UFMG e mediadores do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade



Transporte público e cidade

O texto debate sobre como a mobilidade deve englobar uma discussão mais ampla sobre a democratização do acesso aos espaços urbanos, considerando que grande parte da população brasileira se desloca por meio do transporte público, seja por metrô, ônibus, trens ou veículo leve sobre trilhos (VLT). Contudo, é preciso refletir sobre qual parcela da sociedade utiliza o transporte público como sua única maneira de deslocar-se pela cidade.

Dayler William Souza Lopes Barbosa e Maria Theresa

autores do texto – estudantes do curso de
graduação em Ciências do Estado
e bolsistas do Núcleo de Ações Educativas



Ciganos Calon e as cidades

O texto aborda a presença dos ciganos Calon nas cidades, destacando suas práticas de “andança” e “pousos” ao longo do tempo. Originalmente nômades, essas famílias buscavam locais para acampar que oferecessem água e espaço para convivência entre parentes. No entanto, o crescimento urbano tem reduzido esses espaços, forçando-os a buscar pousos fixos. A cidade de Belo Horizonte tornou-se um centro para os ciganos Calon, onde organizam acampamentos como nos bairros: “Céu Azul” e “São Gabriel”, realizando trocas comerciais e preservando sua cultura através de festividades.

Helena Dolabela

autora do texto – advogada e antropóloga, NuQ/UFMG



PARA O PÚBLICO

Saiba mais sobre o
planejamento metropolitano
a partir dos **curadores**

O processo de planejamento metropolitano na RMBH

Roberto Luís Monte-Mór

O Plano Metropolitano de Belo Horizonte e os seus desdobramentos – MacroZoneamento Metropolitano e Planos Diretores de 11 Municípios – entre 2009 e 2019 – foi uma inovação desde sua contratação, porque pela primeira vez o Estado resolveu contratar uma universidade para fazer um plano metropolitano. Isso foi uma novidade que criou uma abertura para várias universidades em outras metrópoles brasileiras. Foi também um plano metropolitano pioneiro, desdobrado em dois programas principais, de macrozoneamento metropolitano e de revisão de 11 planos municipais, que inspirou o Estatuto da Metrópole, implantado pelo governo federal em 2015.

O Plano Metropolitano, conhecido como PDDI – Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado, foi feito de forma bastante inclusiva, com o máximo de participação que conseguimos, pois partimos do pressuposto de que nosso conhecimento técnico científico é importante, mas equivale ao conhecimento da vida cotidiana vindo dos moradores da Região Metropolitana. Tínhamos como objetivo maior, utopicamente, transformar a população metropolitana

em sujeito do planejamento, com uma participação mais efetiva no processo de planejamento. Então, de um lado, adotamos uma abordagem ampla, e o Plano ofereceu um conjunto de propostas incluindo ações em áreas que nunca haviam sido tratadas, como a questão do crédito carbono, a questão das economias alternativas populares solidárias, a questão digital e a própria questão ambiental tratada como um eixo central. De outro, o Plano traz propostas concretas, incluindo 28 políticas, que se desdobram em cerca de 90 programas, que por sua vez geram centenas de projetos para ações específicas de curto, médio e longo prazo. Para cada programa e projeto são indicados quais são os órgãos e atores envolvidos e sua articulação com as outras áreas afins, trazendo uma abordagem transdisciplinar, privilegiada pela equipe durante todo o processo de planejamento.

O Plano buscou, em última instância, uma nova perspectiva da Região Metropolitana de Belo Horizonte, propondo uma “novíssima Economia” centrada na indústria limpa e nos serviços avançados, além de uma visão que inclui o espaço rural e a natureza. A agricultura (rural e urbana) comparece com bastante força e, evidentemente, também a questão da mineração, nas formas principais que acontece na RMBH. Questões clássicas como mobilidade, habitação, saneamento e saúde, educação e cultura, economias de pequeno porte, qualidade de vida e democratização do espaço, entre várias outras questões correlatas são tratadas de modo integrado e inovador. A questão territorial e a questão institucional são as duas diretrizes estruturantes do Plano e as demais propostas se agrupam em quatro eixos temáticos: acessibilidade, segurança, sustentabilidade e urbanidade.

Enfim, é um Plano que realmente tem, de certo modo, um sentido utópico, de uma utopia experimental e concreta que aponta para um futuro melhor, propondo uma região metropolitana a ser buscada e construída com mobilização da população e com muita ênfase na questão ambiental e na questão social. Ao mesmo tempo, busca uma redefinição da economia, uma economia “novíssima”, chamada por vezes de pós-fordista, ambientalmente compatível e adequada ao desenvolvimento socioambiental, fortalecendo a área de serviços e também ‘outras economias’: a economia popular, a economia solidária, a economia ecológica e abordagens alternativas similares. Então, o Plano de fato pretende ser um sinalizador para o futuro. Tivemos como horizonte de longo prazo o ano de 2050, além das referências de curto e médio prazo.

Do ponto de vista da inserção das universidades no planejamento, o que se pretendia era criar um sistema integrado e permanente de planejamento, do qual participassem não apenas a UFMG, mas todas as universidades da Região Metropolitana, além de diversos órgãos e entidades representativas da sociedade civil. A coordenação seria da Agência de Desenvolvimento Metropolitano, atendendo ao arranjo metropolitano que tem como referência decisória o Conselho de Desenvolvimento Metropolitano. Isso não foi exatamente conseguido, mas há várias ações que caminham nesse sentido, inclusive dentro das próprias universidades. A ideia é produzir informações e conhecimento para o planejamento de uma maneira sistemática, avançando cada vez mais na participação das comunidades. Na UFMG, um programa derivado do Plano chamado Lumes, se traduz em disciplinas nos cursos de

Economia e Arquitetura e vem sendo tratado como instrumento de planejamento permanente e até mesmo de implementação, ainda que incipiente. Professores e alunos se envolvem com projetos comunitários em municípios da RMBH, em processo de colaboração e de ações conjuntas.

Assim, a Universidade continua trabalhando com vários municípios, procurando formar pessoas para o exercício da cidadania metropolitana. Nesse sentido, o PDDI, e todo o processo de planejamento realizado ao longo de dez anos, foi muito importante porque envolveu mais de 300 pessoas, entre professores e alunos das universidades, não apenas da UFMG, mas também da PUC Minas e da UEMG. Muitas dessas pessoas formadas nesse processo produziram monografias, dissertações, teses, artigos variados e/ou foram trabalhar em órgãos de planejamento, municipais ou estaduais como também em organizações não-governamentais. Além da equipe formada nesse processo, inúmeras pessoas e/ou grupos comunitários que acompanharam todo o processo levaram para seus municípios e para suas organizações instrumentos e lições que informam sobre o processo de planejamento e de enfrentamento das questões metropolitanas. Ou seja, existe uma reflexão recorrente e recente, ainda incipiente, mas também sólida, sobre a Região Metropolitana de Belo Horizonte que deve ser mantida como possibilidade concreta de ampliação, dando continuidade ao processo iniciado no PDDI. O fortalecimento do planejamento metropolitano e sua democratização são objetivos do Plano que devem ser tomados como permanentes.

Macrozoneamento para a RMBH: notas sobre metodologia e resultados

Geraldo Costa

O zoneamento do território metropolitano é uma forma de tratar as questões específicas do planejamento territorial, especialmente aquelas sobre a ocupação e o uso do solo. Com a Constituição de 1988, a regulação do uso e da ocupação do solo passou a ser responsabilidade exclusiva das administrações municipais, por meio de planos diretores e leis de ocupação e uso do solo. Então, como pensar a questão do zoneamento na escala metropolitana? Uma equipe de professores e alunos da UFMG foi contratada para elaborar este macrozoneamento, a partir de uma proposta do PDDI (Plano de Diretor de Desenvolvimento Integrado da RMBH), também elaborado por equipe da UFMG em momento anterior.

O objetivo, então, foi o de propor um macrozoneamento que delimitasse os espaços nos quais as questões metropolitanas se mostrassem evidentes, levando em consideração, no entanto, as propostas de zoneamento

dos Planos Diretores dos municípios que compõem a Região Metropolitana. Como no processo de elaboração do PDDI, aqui também a decisão foi fazer o macrozoneamento de forma participativa. Então, a metodologia seguiu este caminho: foram agendadas várias oficinas participativas em diversas partes da RM para encontrar as primeiras respostas sobre o que seria de interesse metropolitano no território demarcado da RMBH.

Partimos de uma pergunta bem simples: quais os espaços em seu município ou na sua região você considera que são de interesse metropolitano? As respostas foram coladas em mapas, usando adesivos indicativos dos temas que seriam de interesse metropolitano: águas, natureza em geral – florestas, serras, atividades agrícolas –, além de sistema viário, centralidades metropolitanas, atividades econômicas, etc. Revelaram-se informações valiosas para a proposição do que vieram a ser chamadas Zonas de Interesse Metropolitano, as ZIMs.

Este material bruto, ainda impreciso, foi trabalhado coletivamente pela equipe da UFMG com base em conhecimento e instrumentos técnicos. O resultado, uma primeira delimitação das ZIMs, foi novamente levado ao processo participativo. Somente depois disso e com mais trabalhos coletivos as ZIMs definitivas foram delimitadas nos mapas e subdivididas em zonas menores, nas quais foram estabelecidos parâmetros de uso e ocupação do solo.

Em momento seguinte, a equipe da UFMG foi novamente convidada para desenvolver o Programa de Apoio à Revisão dos Planos Diretores de 11 municípios que aderiram ao convite feito pela Agência Metropolitana. Mais uma vez, a metodologia foi participativa e de trabalho coletivo, resultando

em propostas que dialogavam com aquelas construídas nos dois momentos anteriores. Em um balanço rápido de tudo isto, pode-se dizer que os 10 anos de envolvimento da equipe da UFMG no processo de elaboração de estudos para o planejamento metropolitano foram social e academicamente muito positivos, destacando-se duas razões principais: 1a. Por se basearem em uma metodologia criada coletivamente no processo participativo de elaboração das propostas e, 2a. Por terem sido realizados na forma de extensão universitária; o que resultou em um rico processo de aprendizado mútuo e de formação para o planejamento territorial.



Processo participativo no Plano Metropolitano e no Macrozoneamento

Jupira Mendonça

Um princípio importante para iniciar a elaboração do Plano Metropolitano (Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte – PDDI-RMBH), bem como do Macrozoneamento, foi a participação da sociedade civil, tanto na fase de leitura da realidade, quanto na fase de propostas. Considerado essencial para pensar coletivamente o futuro da região metropolitana, constituiu um processo rico, com participação muito grande de pessoas dos diversos municípios da região metropolitana de Belo Horizonte, que trouxeram contribuições e propostas muito importantes.

Foram várias formas de participação. De um lado, várias reuniões com profissionais das prefeituras dos diversos municípios da RMBH e reuniões técnicas da equipe do Plano Metropolitano e do Macrozoneamento abertas para participação de interessados – compareceram principalmente técnicos das prefeituras e ex-técnicos do Plambel (órgão de planejamento metropolitano que existiu entre 1974 e 1996). Por outro lado, foram realizadas várias reuniões e atividades com as populações dos municípios da região metropolitana.

Foram várias formas de participação. De um lado, várias reuniões com profissionais das prefeituras dos diversos municípios da RMBH e reuniões técnicas da equipe do Plano Metropolitano e do Macrozoneamento abertas para participação de interessados – compareceram principalmente técnicos das prefeituras e ex-técnicos do Plambel (órgão de planejamento metropolitano que existiu entre 1974 e 1996). Por outro lado, foram realizadas várias reuniões e atividades com as populações dos municípios da região metropolitana.

Houve várias oficinas: oficinas regionais, agrupando municípios da RMBH e oficinas temáticas para discutir temas específicos importantes para a região metropolitana, como habitação, transportes, meio ambiente etc. Para a realização das oficinas eram preparados vários materiais para divulgar informações sobre a região metropolitana, sobre os municípios e também sobre as atividades que estavam sendo realizadas: boletins informativos, site com várias informações e inclusive com as apresentações e discussões ocorridas nas oficinas. Eram também apresentadas pequenas peças de teatro, trazendo mais informações, mais conhecimento e incentivando as pessoas a participarem.

No Macrozoneamento, as oficinas contaram também com atividades interativas, colando pequenas imagens nos mapas, para identificar empreendimentos que estavam ocorrendo na região, os projetos, os desejos das pessoas, os problemas, conflitos e potencialidades. De novo, o processo foi muito rico: as pessoas se reconheceram nos mapas, reconheceram a sua região e, de fato, participaram não só da leitura da realidade, mas também de proposições para a região metropolitana.

Foram publicadas cartilhas, uma sobre o Plano Metropolitano e outra sobre o Macrozoneamento, e houve mobilização nos municípios com carro de som, convites às lideranças e às prefeituras municipais. No caso do Macrozoneamento, a equipe técnica visitou todas as prefeituras dos 34 municípios, realizando reuniões com os técnicos e servidores, discutindo a realidade local e as propostas.

Ao todo, foram realizadas 15 oficinas e 02 seminários durante o Plano Metropolitano, além de inúmeras reuniões técnicas abertas. No Macrozoneamento, ocorreram 13 oficinas e 06 seminários.



O Projeto dos LUMEs como ferramenta de integração e transformação

Junia Ferrari

O Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte, também conhecido como PDDI-RMBH, foi elaborado por um consórcio entre a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e a Pontifícia Universidade Católica (PUC-MINAS), sob a coordenação do Cedeplar da UFMG. Foi um esforço conjunto de vários docentes, discentes, pesquisadores e profissionais de diversas áreas do conhecimento, fortalecidos por um processo participativo muito consistente que acabou por agregar uma significativa representação da sociedade civil metropolitana.

No contexto dessa empreitada é elaborado o projeto dos LUMEs¹ que já nasce plural – Lugares da Urbanidade Metropolitana. E por que plural? Porque a ideia inicial era implantar pelo menos um LUME em cada um dos 34 municípios da RMBH. Um grande desafio que temos tentado alcançar desde pios da RMBH. Um grande desafio que temos tentado alcançar desde então.

¹ Parte integrante da Política Metropolitana Integrada de Democratização dos Espaços Públicos, do PDDI-RMBH.

Como começou essa ideia dos LUMEs? Durante a elaboração do plano metropolitano houve uma grande mobilização com grande engajamento da sociedade civil na discussão. Foi um processo muito participativo e a equipe técnica entendeu a importância de se criar espaços de discussão que pudessem manter, de forma continuada, aquela sinergia em torno das questões metropolitanas. De fato essa participação continuou depois, ao longo da elaboração do Macrozoneamento Metropolitano e da revisão dos Planos Diretores da RMBH. A ideia era que esse movimento se consolidasse em pequenos núcleos locais, como pequenos pontos de cultura, nos 34 municípios da RMBH, criando uma rede a partir da qual os cidadãos e cidadãs metropolitanas pudessem ter acesso às informações reunidas sobre a RMBH durante o processo de elaboração do PDDI.

Parte desses conteúdos sobre história, sociedade, economia, cultura, paisagem, mas também sobre os desafios da nossa metrópole, vocês poderão conhecer nessa exposição – Metropolitramas, e compreender a importância de se compartilhar essas informações, realizando um pouco do que o Projeto dos LUMEs busca. Nada mais potente do que uma rede popular bem informada, com ferramentas que possam auxiliar na reivindicação de uma região metropolitana mais humana, mais integrada e na qual os cidadãos e cidadãs possam se reconhecer como sujeitos. Espero que essa experiência possa alcançar, tal como planejamos, os 34 municípios da nossa RMBH. Bom percurso!

O conteúdo ambiental do planejamento metropolitano e a Trama Verde e Azul

Heloisa Costa

O planejamento metropolitano na RMBH – o PDDI-RMBH, seu Macrozoneamento da RMBH e a revisão de alguns Planos Diretores de municípios metropolitanos – foi concebido pela equipe, a partir de um olhar que articula as questões urbanísticas com as questões ambientais e culturais, entre outras, o que viria a se rebater na exposição MetropoliTRAMAS. Vou apontar aqui alguns elementos do conteúdo ambiental desse processo de planejamento.

Tal concepção faz parte de nossa forma de ver o mundo e também da proposta do plano, que englobava desde o início três dimensões: uma econômica, uma social e uma ambiental. Além disto, as propostas deveriam necessariamente ter uma dimensão territorial e outra institucional. Buscamos, inicialmente, fazer uma leitura do território e da sociedade a partir de dez áreas temáticas (e dez equipes) que tinham conteúdos razoavelmente transdisciplinares em que essas questões se articulavam.

Essa leitura foi apresentada em processos participativos e resultou em um conjunto expressivo de propostas, que foram então agrupadas em 27 políticas, várias delas com um conteúdo ambiental muito explícito. Foram, entre outras políticas ligadas ao uso do espaço público, políticas que articulam ecologia e economia, políticas ligadas ao campo ambiental mais estrito senso, como as políticas de águas, de resíduos sólidos, de mobilidade, de saneamento, assim como políticas ligadas à construção de alternativas econômicas e de produção agroecológica que têm uma pegada ambiental importante. Políticas ligadas a preparar a RMBH para ser uma metrópole de baixo carbono e assim sucessivamente.

Durante o processo de desenvolvimento de um dos programas do plano, o Macrozoneamento, que se seguiu ao plano, essa perspectiva ambiental se intensificou. Um dos pontos importantes do Macrozoneamento foi a definição de zonas de interesse metropolitano, nas quais o interesse metropolitano se sobrepunha ao interesse local. Tal definição foi feita por critérios técnicos e por elementos que surgiram no processo participativo. Foi muito interessante perceber que a população identificou exatamente os bens ambientais, o patrimônio ambiental da região metropolitana, como prioritariamente de interesse metropolitano, principalmente as serras e a paisagem, as áreas ligadas às águas e outras zonas também. Importante reforçar que foi um consenso muito grande que a questão da água surgisse com muita centralidade nesse processo de discussão.

Na proposta do Macrozoneamento as áreas de proteção ambiental e as áreas importantes como referência ambiental foram articuladas a partir

do conceito de Trama Verde e Azul, que se tornou muito importante para a continuidade do processo de planejamento, principalmente no seu detalhamento em nível local, expressa nos novos Planos Diretores municipais. A Trama teve uma acolhida positiva surpreendente por parte da população quando discutida nas instâncias participativas como oficinas e seminários.

A Trama Verde e Azul é uma proposta que tem como referência original as tradições de estudos sobre ecologia da paisagem, infraestrutura verde, corredores ecológicos, entre outras. Foi muito utilizada na França, de onde nós a incorporamos e modificamos. É composta por uma articulação territorial e ecológica entre as áreas de águas – rios, ribeirões, lagos, etc – com áreas de vegetação, de proteção de biomas, biodiversidade, formando uma rede articulada de conexões, uma trama. A ela nós incorporamos também elementos de manifestações culturais que integram o patrimônio cultural metropolitano, as áreas de mobilidade ativa como caminhos, áreas de turismo ecológico, áreas de caminhadas, ciclovias e uma série de outras atividades, além de incorporarmos também as áreas de produção agrícola, principalmente de pequena escala e de caráter agroecológico, que têm uma pegada ambiental importante para se pensar uma metrópole sustentável.

Além disso, a trama também tem o papel de buscar recuperar áreas deterioradas, áreas mineradas, áreas de deslizamentos e enchentes, tentando transformá-las a partir de soluções baseadas na natureza. Desta forma, a nossa trama envolve um conjunto amplo de atividades que se desenvolvem nos territórios urbanos e rurais.

A trama traz elementos de propostas para as áreas rurais também,

pensando a reestruturação territorial metropolitana de uma forma mais abrangente e mais ampla. Não é necessariamente um projeto urbanístico apenas, trata-se de uma ideia força a ser incorporada e discutida pelos movimentos sociais, pela iniciativa privada, pelos órgãos públicos, pela academia, pelos cidadãos metropolitanos.

Enfim, é uma outra maneira de pensar o futuro da metrópole, em que urbanização, natureza e cultura estejam intrinsecamente articuladas em tramas. Essa é a nossa utopia de uma metrópole sustentável.





**EXPOSIÇÃO
METROPOLITRAMAS**

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO

Universidade Federal de Minas Gerais

Instituto Unimed-BH

Cemig – Companhia Energética de Minas Gerais

Fundação IPEAD – Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e
Contábeis de Minas Gerais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITORIA

Sandra Regina Goulart Almeida

Reitora

Alessandro Fernandes Moreira

Vice-Reitor

PRÓ-REITORIA DE CULTURA

Fernando Antônio Mencarelli

Mônica Medeiros Ribeiro

**DIRETORIA DO ESPAÇO DO
CONHECIMENTO UFMG**

Sibelle Cornélio Diniz

Camila Maciel Campolina Alves
Mantovani

CURADORIA

Geraldo Magela Costa

Heloísa Soares de Moura Costa

Junia Maria Ferrari de Lima
Jupira Gomes de Mendonça
Roberto Luís de Melo Monte-Mór

CONSULTORIA DE PESQUISA

Clarice Libânio
Caroline Rocha
Thiago de Paula Silva

PESQUISA E EDIÇÃO DE IMAGENS

Patrícia Azevedo
Gabriel Silas Costa Pereira

EXPOGRAFIA

Patrícia Azevedo
Dânia Lima
Marina Aravani
Marion Kato
Letícia Armond
Thiago de Paula Silva

PRODUÇÃO

Fabiane de Souza Silva
Leila Martins Oliveira
Kamila Ferreira da Silva

AUDIOVISUAL

Maurício Silva Gino
Kayke Quadros Carvalho
Júlia Lobato Maciel
Maria Carolina Soares Alves

DESIGN E COMUNICAÇÃO

Camila Maciel Campolina Alves
Mantovani
Olganelise Möller Ferreira de
Gouvêa
Fernando Júnio de Jesus Silva
Maria Lúsa Almeida
Ana Carolyna Gonçalves Barboza
Maria Eduarda Abreu Moura
Guimarães
Sofia Catarina dos Santos
Paulo Henrique Costa Amorim
Sarah Lima Meireles Costa
Vitória Maria Vieira Neves

AÇÕES EDUCATIVAS

Karenina Vieira Andrade
Wellington Luiz Silva
Jonathan Philippe Barboza
Priscila Gabriele Martins Silva

Juliana Cristina Lopes Cavalli
Dayler William Souza Lopes
Barbosa

ACESSIBILIDADE

Camila Maciel Campolina Alves
Mantovani
Priscila Gabriele Martins Silva
Dinalva Andrade
Camila Velasquez Santos Porto
Daniela Campos de Freitas

ASTRONOMIA

Carlos Eduardo Porto Villani
Nathalia Nazareth Junqueira
Fonseca
Fernanda Silva de Oliveira
João Thomaz Martins Carvalho
Souza
Thiago Araujo Marques dos
Santos

APOIO ADMINISTRATIVO

Josilaine Alves Aranã
Francisco Santana Novaes de
Assis

Livia Dias Malta Lisboa
Ana Júlia Rocha Meira Pires
Dian Lucas Pereira de Paula
Lays Dias Malta Lisboa
Pablo Bianchini Pena

Alexandre Pires Gonçalves
Bruno Cassio de Souza
Eduardo Ferreira de Jesus
Elzeni Gomes Leandro
Kalliu Alves Rodrigues
Luciene de Fátima Pestana
Ramos

Maria Antônia Brasil Bispo
Patrícia Dias Lino Carneiro
Ronaldo Luciano Marques
Santos Marques Pereira Filho

PROJETOS

Nina Fraiha de Faria

SECRETARIA

Elisa Maria Teixeira Silveira

MONTAGEM

Gran Produções
DEMAI UFMG

MAQUETE

(Instalação Tramas do Território)

Maquete Aristides Lourenço

DEPOIMENTOS

(Instalação Tramas Afetivas)

Aleilton Lima

Arnaldo Alves Diniz

Cecília Ferreira

Dayler Barbosa

Gabriel Silas

Kayke Silva

Leila Martins

Letícia Notini

Lúcia Karine

Márcia Gouvêa

Marlene Gouvêa

Maria Theresa Ianni

Maurício Gino

Priscila Martins

Sibelle Diniz

Sidney Maia Araujo

Wander Rocha

AUDIOS

(Instalação Tramas em Luta)

Kilombo Família Souza Resiste

Quilombo Comunidade Família

Araújo

Associação Amanu

MLB Minas Gerais

CUMPRA e Movimento Deixem o

Onça Beber Água Limpa

REVISÃO ORTOGRÁFICA E

TRADUÇÃO

Trindade Monografias & Edições

IMPRESSÃO E PLOTAGEM

Artwork Digital

APOIO E EXECUÇÃO FINANCEIRA

Fundação Rodrigo Mello Franco

de Andrade

Fundação de Desenvolvimento

da Pesquisa – FUNDEP

AGRADECIMENTOS

Alan Costa

Carlos José de Almeida Neto

Casa de Cultura Nair Mendes

Moreira – Museu Histórico de

Contagem

César Felix

Grupo Auê!

Grupo Colmeia

Grupo Parangolé

Guto Muniz

Isabela Dias Resende

José Júlio Abreu

Lucilia Niffenegger

Maria Helena Batista

Murilo Godoy

Nereu Jr.

Núcleo de Acessibilidade

e Inclusão

Odilon Araujo

Patrícia Azevedo

Pedro Paulo Pereira Pinto

Priscila Musa

Pró-Reitoria de Administração

Pró-Reitoria de Extensão

Rafael Rodrigues Gonçalves

Ricardo Lima

Robson de Oliveira

Silas Pereira

Thais Diniz

Tiago Castelo Branco

Valéria Bôrges Ferreira

Vânia Cardoso

Wilson Baptista

Wilton Martins de Souza

Yolanda Vilela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Exposição Metropolitramas / organizadores Patricia Azevedo, Dânia Lima, Marina Aravani. -- 1. ed. -- Belo Horizonte, MG : Espaço do Conhecimento UFMG, 2024.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-992762-8-6

1. Artes visuais - Exposições - Catálogos
I. Azevedo, Patricia. II. Lima, Dânia. III. Aravani, Marina.

24-245237

CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes visuais 700

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Lei de
Incentivo
à Cultura
Lei Rouanet

DESCENTRA
CULTURA
LUIE: CA-2019.13404-0184

patrocínio



Unimed
Belo Horizonte

CEMIG

MINAS
GERAIS
SANTOS
PREFERENTE
ESTADO
EFICIENTE

ipead
75
ANOS

patrocínio e liberação pela doação de pessoas e firmas

apoio



Fundação
Rodrigo Mello
Franco de Andrade

fundep
Fundação de
o nome do UFMG



incentivo

LMIC
Lei Municipal de
Incentivo à Cultura
1218/2022

CULTURA



PREFEITURA
BELO HORIZONTE

realização



Espaço do
Conhecimento
UFMG

PROCULT
PRÓ-ESTÍMULO
À CULTURA

UFMG

CIRCUITO
DE
LIBERDADE

ALIBERDADE
Minas

EXPOSIÇÃO
TRINSEIRO

MINAS
GERAIS

MECANISMO
PREFERENTE
ESTADO
EFICIENTE

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNião e Reconstrução